

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História
Programa de Estudos Medievais

Caderno de Resumos

X SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

04 a 06 de junho de 2013



Patrocínio:

Pró-reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças da UFRJ

Pró-reitoria de Extensão da UFRJ

Prodocência - Capes

X SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
04 a 06 de junho de 2013
PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CADERNO DE RESUMOS

Coordenação Geral

Prof^ª Dr^ª Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Prof^ª Dr^ª Leila Rodrigues da Silva

Comissão de Apoio

Adriana Conceição de Souza

Alan da Silva Rocha

Alinde Gadelha Kuhner

Ana Clara Marques Lins

André Luiz Caruso Júnior

André Rocha de Oliveira

Andréa Reis Ferreira Torres

Bárbara Vieira dos Santos

Bruno Uchoa Borgongino

Carolina Coelho Fortes

Diego Martins Dória Paulo

Elvis Batista de Souza

Flora Gusmão Martins

Guilherme Antunes Júnior

Guilherme Marinho Nunes

Ingrid Brito A. da Assunção

Izabela Morgado da Silva

Jaqueline Calazans

Jefferson E. dos S Machado

Jonathas Ribeiro dos S. C. de Oliveira

Juliana Prata da C. Mezdella

Juliana Salgado Raffaeli

Kemmely da Silva Barbosa

Livia Carine Falcão da Silva

Luander do Valle Barros

Maria Valdiza Rogério da Silva

Nathalia Agostinho Xavier

Nathalia Silva Fontes

Paulo Duarte da Silva

Rita de Cássia Damil Diniz

Rodrigo Ballesteiro P. Thomaz

Rodrigo dos Santos Rainha

Rosiane Graça Rigas Martins

Thaiana Gomes Vieira

Thales Braga R. Lins da Silva

Valtair Afonso Miranda

Vanessa Gonçalves Paiva

Vitor Mariano Camacho

Projeto Gráfico da Capa

Guilherme Antunes Júnior

Imagem da Capa

Detalhe de Baldaquino de Tavèrnoles
ANÓNIMO. CATALUÑA. TALLER DE LA SEU D'URGELL DEL 1200

Edição do Caderno de Resumos

Adriana Conceição de Souza
Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Carolina Coelho Fortes
Leila Rodrigues da Silva
Nathalia Agostinho Xavier
Paulo Duarte da Silva
Rodrigo Ballesteiro P. Thomaz
Vanessa Gonçalves Paiva

Comitê científico

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva - UFRJ
Carolina Coelho Fortes – Gama Filho
Leila Rodrigues da Silva - UFRJ
Marcelo Pereira Lima – UFBA
Maria do Amparo Tavares Maleval - UERJ
Maria Cristina Correia Leandro Pereira - USP
Mario Jorge da Motta Bastos – UFF
Mirian Cabral Coser - UNIRIO
Renan Frighetto – UFPR
Renata Cristina de Souza Nascimento - UFGO
Sandro Roberto da Costa – Instituto Teológico Franciscano
Vânia Leite Froes - UFF

Patrocínios

Pró-reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças da UFRJ
Pró-reitoria de Extensão da UFRJ
Prodocência - Capes

Realização



www.pem.historia.ufrj.br
Contato: pem@historia.ufrj.br

Apresentação

As “Semanas de Estudos Medievais” são regularmente promovidas pelo Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 1991. Este ano, realizamos a X Semana de Estudos Medievais, e, como nas edições anteriores, buscamos criar condições para a divulgação especialmente da produção acadêmica de pesquisadores em nível de Graduação e Pós-graduação de todo o país.

Durante o evento tal produção é apresentada em sessões de comunicações, coordenadas por docentes mais experientes que, em sua grande maioria, atuam no ensino superior e possuem larga trajetória na área dos estudos medievais. Assim, alunos de diferentes instituições de ensino que concluíram seus cursos a partir de 2011 ou ainda estão cursando e com formação em diversas áreas - História, Filosofia, Letras e afins - poderão dialogar e aprimorar seus conhecimentos.

Nesta edição, além de discentes e docentes da UFRJ, receberemos pesquisadores provenientes da UERJ, UFBA, UFES, UFF, UFMS, UFRGS, UFRRJ UFS, USP, PUC-RJ, Estácio de Sá e Gama Filho.

Mantendo o nosso compromisso com o diálogo interdisciplinar, X Semana de Estudos Medievais contará com a participação de dois especialistas em arqueologia, da Universidade do Minho, Portugal, Luís Fernando Oliveira Fontes e Maria Manuela dos Reis Martins, que irão ministrar cursos nos três dias do evento.

Ainda com o foco na valorização da interdisciplinaridade, teremos a oportunidade de apreciar, na abertura oficial do evento, a apresentação do Grupo Atempo, cuja pesquisa da música medieval tem encantado os estudiosos há anos.

Por fim, ressaltamos o lançamento de livros que apresentam conclusões de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos medievais no Brasil.

Queremos, portanto, com a realização da X Semana de Estudos Medievais, reafirmar o empenho do Programa de Estudos Medievais da UFRJ no sentido de estimular reflexões acadêmicas sobre o medieval no Brasil, propiciar um ambiente de troca intelectual entre pesquisadores em formação e especialistas e contribuir para a consolidação do medievalismo em nosso país.

Leila Rodrigues da Silva
Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

PROGRAMAÇÃO BÁSICA DO EVENTO

Curso: *A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição*, ministrado pelo Prof. Dr. Luís Fernando Oliveira Fontes, da Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia, durante três dias do evento.

Curso: *A Arqueologia como fonte da História Antiga*, ministrado pela Prof^a Dr^a Maria Manuela dos Reis Martins, da Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia, durante três dias do evento.

Sessões de Comunicações: Estão planejadas dois blocos de sessões de comunicações por dia: um no período das 13h30 às 15h20 e outro no período das 15h30 às 17h20.

Programação da X Semana de Estudos Medievais			
Horário	04/06/2013	05/06/2013	06/06/2013
13h30 às 15h20	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
15h20 às 15h30	Intervalo	Intervalo	Intervalo
15h30 às 17h20	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações	Sessões de Comunicações
17h20 às 17h30	Intervalo	Intervalo	Intervalo
17h30 às 19h15	Curso: <i>A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição</i> - Prof. Dr. Luís Fernando Oliveira Fontes (Universidade do Minho)	Curso: <i>A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição</i> - Prof. Dr. Luís Fernando Oliveira Fontes (Universidade do Minho)	Curso: <i>A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição</i> - Prof. Dr. Luís Fernando Oliveira Fontes (Universidade do Minho)
17h30 às 19h15	Curso: <i>A Arqueologia como fonte da História Antiga</i> - Prof ^a Dr ^a Maria Manuela dos Reis Martins (Universidade do Minho)	Curso: <i>A Arqueologia como fonte da História Antiga</i> - Prof ^a Dr ^a Maria Manuela dos Reis Martins (Universidade do Minho)	Curso: <i>A Arqueologia como fonte da História Antiga</i> - Prof ^a Dr ^a Maria Manuela dos Reis Martins (Universidade do Minho)
19h30	Abertura: Conjunto de música medieval Atempo	Mesa redonda: <i>Estudos sobre Iconografia medieval</i> <i>Imaginário bíblico e construção do tempo nas imagens medievais dos Livros de Horas Medievais</i> Prof ^a Dr ^a Vânia Leite Fróes (UFF) <i>A letra e a imagem: as iniciais ornamentadas na Bíblia de Saint-Bénigne (Ms. Dijon 2)</i> Prof ^a Dr ^a Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP)	Mesa redonda: <i>Trajетórias e expectativas acadêmicas de pesquisadores do Programa de Estudos Medievais</i> Prof ^a Dr ^a Ana Paula Lopes Pereira (UERJ); Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro (UFS); Prof ^a Doutoranda Rita de Cássia Diniz Damil (UFRJ – UNESA), e Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Rainha (UNESA) Mediador: Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima (UFBA) <i>Lançamento e divulgação de publicações e materiais de apoio aos estudos medievais</i>

X SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
PROGRAMAÇÃO COMPLETA

ABERTURA

Dia: 04 de junho

Horário: 19h30min

Conjunto de música medieval *Atempo* - Cantilena Instrumental

Local: Sala 106 – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

MESAS DE COMUNICAÇÃO

04 DE JUNHO – TERÇA-FEIRA

13h30min às 15h20min – 1º Sessão de comunicação

Mesa 1: A medievística nas ilhas Britânicas: novas perspectivas, novas abordagens

Coordenação: Gabriela Cavalheiro (KCL – UK)

1. Culturas em contato: Os anglo-escandinavos e as novas relações identitárias na Inglaterra da Era Viking (793-1066)

Isabela Dias Albuquerque (UFRJ)

2. Reflexões sobre uma fonte à luz de uma nova abordagem: o *esope*, fabulário anglo-normando do século XII

Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato (UFRJ)

3. De 'labour' a 'craft': considerações sobre o trabalho na cidade medieval inglesa

Viviane Azevedo de Jesus (UFF)

4. Desafios e possibilidades do estudo de imagens: o caso dos bestiários ingleses

Muriel Araujo Lima Garcia (USP)

Mesa 2: Poder régio e eclesiástico no século VII

Coordenação: Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)

1. Aspectos da dependência servil à instituição eclesiástica nas atas do IV Concílio de Toledo

Guilherme Marinho (UFRJ)

2. Considerações acerca da autoridade episcopal a partir da análise das atas do VI Concílio de Toledo (século VII)

Juliana Prata da C. Mezavilla (UFRJ)

3. Considerações preliminares sobre a legitimação do poder régio a partir dos concílios hispano-visigóticos gerais do século VII

Kemmely da Silva Barbosa (UFRJ)

4. O primado toledano no episcopado visigótico: o *De Viris Illustribus* de Ildefonso de Toledo (século VII)

Izabela Morgado da Silva (UFRJ)

Mesa 3: Cidade e Monumento

Coordenação: Ieda Avênia de Mello (UFF)

1. A fundação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de acordo com a *Vita Tellonis Archidiaconi*

Alinde Gadelha Kühner (UFRJ)

2. Fórum de verdade e ficção: a história como espaço da salvação na crônica de G. Villani – Florença, a cidade-modelo

Vânia Vidal Luiz (UNIRIO)

3. A cidade como palco do rei – um breve estudo sobre as festas e cerimônias realizadas durante o reinado de D. João II

Ieda Avênia de Mello (UFF)

Mesa 4: Representações na Baixa Idade Média

Coordenação: Gracilda Alves (UFRJ)

1. Construção de identidades e representações femininas na Inglaterra medieval

Anna Beatriz Esser dos Santos (UFRJ)

2. O Sefer Hassidim como produção intelectual: interações, apropriações e conflitos

Cristiano Ferreira (UFRRJ)

3. As *Lusíadas*: um projeto em história comparada das representações camonianas sobre a mulher aristocrática medieval – Maria de Portugal e Inês de Castro.

Raquel Hoffmann Monteiro (UFRJ)

15h30min às 17h20min – 2º Sessão de comunicação

Mesa 5: Relações de poder e hagiografia

Coordenação: Leonardo Augusto Silva Fontes (UFF)

1. Um estudo comparativo de representações demonizadas de judeus e as práticas sociais em hagiografias castelhanas do século XIII

Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ)

2. O banco de dados do projeto hagiografia e história: considerações iniciais acerca das fichas referentes às hagiografias produzidas na península itálica, entre os séculos XI e XIII

André Rocha de Oliveira (UFRJ)

3. Os inimigos de Cristo: uma análise da representação judaica no *Fuero Real de Afonso X*

Igor Formagueri Cunha de Oliveira (UGF)

4. A política linguística do reinado de Afonso X, o Sábio

Leonardo Augusto Silva Fontes (UFF)

Mesa 6: Arte e literatura medievais

Coordenação: Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP)

1. Permanências medievais na arte franciscana da América Portuguesa

Aldilene Marinho César Almeida Diniz (UFRJ)

2. As representações heroicas do cantar de Mío Cid (1207) na obra de Cervantes, *O Dom Quixote* (1605 – 1615)

Rodrigo Franco da Costa (UFRJ)

3. O erotismo retórico em *Boosco Deleitoso*

José Carlos de Lima Neto (UERJ)

Francisco de Souza Gonçalves (UERJ)

4. A iconografia do ofício da Virgem Maria nos livros de horas da Real Biblioteca Portuguesa

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (UFRJ)

Mesa 7: Fontes jurídicas na Baixa Idade Média

Coordenação: Marta de Carvalho Silveira (UGF)

1. Debatendo o *Fuero* noção de crime/erro: uma leitura real

Marta de Carvalho Silveira (UGF)

2. Considerações sobre o homicídio no reino de Castela (séc XIII): leis e penalidades no *Fuero Juzgo* e no *Código de las Siete Partidas*

Rosiane Graça Rigas Martins (UFRJ)

3. A comuna de Perúgia no século XIII

Maria Valdiza Rogério da Silva (UFRJ)

05 DE JUNHO – QUARTA-FEIRA

13h30min às 15h20min – 1º Sessão de comunicação

Mesa 8: Abordagens interdisciplinares do medievo

Coordenação: João Batista da Silva Porto Junior (UFRJ)

1. Paradigmas militares medievais na Inglaterra Tudor – a arquearia em debate no século XVI

Hiram Alem (UFRJ)

2. “Uma idade média que perdura ainda...” Guédelon e a influência da arquitetura medieval no século XXI

João Batista da Silva Porto Junior (UFRJ)

3. As barganhas da pena – relações de poder nas canções ottonianas, de Walther Von Der Vogelweide

Nathalia Ferreira Correia de Sousa (UFRJ)

4. O amor medieval nas áreas germanófonas nas visões femininas de Gertrudes Von Helfta e Marguerite Porete

Lygia Carvalho (UFRJ)

Mesa 9: Aspectos de política e militarismo na Idade Média

Coordenação: Miriam Impellizieri Silva (UERJ)

1. A preeminência régia baseada na virtude: um modelo de homem no *Leal Conselheiro* e no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*

Rafaella Caroline Azevedo Ferreira de Sousa (UFF)

2. Leonor Teles e Inês de Castro: a construção da identidade nacional portuguesa na legitimação da dinastia de Avis

Bárbara Cecília Kreischer (PUC - RJ)

3. Os aspectos militares da ordem dos templários e sua legitimação em Bernardo de Claraval

Alan da Silva Rocha (UFRJ)

Mesa 10: Santidade e monacato no reino visigodo

Coordenação: Edmar Checon de Freitas (UFF)

1. Reflexões sobre a construção da santidade nas *Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium*: o caso do abade Nancto (633-638)

Ingrid Brito Alves da Assunção (UFRJ)

2. O monacato na Península Ibérica no século VII: origens e desdobramentos

Bárbara Vieira dos Santos (UFRJ)

3. Intertextualidade manifesta na *Regula Leandri* e na *Regula Isidori*

Bruno Uchoa Borgongino (UFRJ)

4. O discurso sobre a propriedade na *Regula Isidori* e na *Regla Monachorum*: um estudo comparado

Alex da Silveira de Oliveira (UFRJ)

Mesa 11: Aspectos do franciscanismo

Coordenação: Valtair Afonso Miranda (UFRJ)

1. A recepção do milênio no *Expositio in Apocalisim* de Joaquim de Fiori

Valtair Afonso Miranda (UFRJ)

2. Admoestações de São Francisco: as permanências, transformações e silêncios do 6º a 10º texto exortativo

Jefferson Eduardo dos Santos Machado (UFRJ)

3. Legenda da Úmbria e a questão franciscana

Fábio Monteiro de Melo (UFRJ)

4. *Archa Testamenti*: a pregação franciscana na legenda assídua de Antônio de Pádua

Victor Mariano Camacho (UFRJ)

15h30min às 17h20min – 2º Sessão de comunicação

Mesa 12: Usos políticos da História

Coordenação: Almir Marques de Souza Junior (UFF)

1. Algumas reflexões sobre a *Chronica Gothorum*

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (UNESA)

2. O passado a serviço do poder (Castela e Leão na segunda metade do século XIII)

Almir Marques de Souza Junior (UFF)

3. Ibn Hazm e o olhar de seu tempo

Celia Daniele Moreira de Souza (UFRJ)

4. O uso político da história em Idácio de Chaves (século V)

Diego Martins Dória Paulo (UFRJ)

Mesa Sessão 13: Reinos romano-germânicos

Coordenação: Jaqueline de Calazans (UFRJ)

1. Reflexões iniciais sobre o reinado de Oswaldo segundo Beda

Elvis Batista de Souza (UFRJ)

2. Considerações iniciais sobre a conversão de Clóvis segundo Gregório de Tours

Luander do Valle Barros (UFRJ)

3. As disputas em torno dos textos cristãos no século IV: uma análise do tratado

Libro sobre la Fé y los Apócrifos

Jaqueline de Calazans (UFRJ)

Mesa 14: Filosofia e teologia na literatura baixo medieval

Coordenação: Renata Vereza (UFF)

1. Morte dos não batizados n'A *Divina Comédia*

Bruno Brandão Silva (Faculdade Saberes)

2. A transcendência do ser: a alma em *Lo Somni* de Bernat Metge (1399)

Ariane Lucas Guimarães (UFES)

3. Imanência e transcendência: vivos e mortos em *Lo Somni* de Bernat Metge (1340-1413)

Isabela Lopes Polato (UFES)

Mesa 15: Política em Portugal na Baixa Idade Média

Coordenação: João Cerineu L. de Carvalho (UFF)

1. Os oficiais de armas no Portugal quatrocentista: arautos, passavantes e reis de armas na corte de D. João I (1385-1433)

Franklin Maciel Tavares Filho (UFF)

2. Poder e alteridade no movimento expansionista português do século XV

Katiuscia Quirino Barbosa (UFF)

3. Relações diplomáticas de Portugal no reinado de D. Afonso V

Douglas Mota Xavier de Lima (UFF)

4. Reflexões sobre o papel da coroa no estado português avisino (1438-1481)

João Cerineu L. de Carvalho (UFF)

06 DE JUNHO – QUINTA-FEIRA

13h30min às 15h20min – 1º Sessão de comunicação

Mesa 16: Franciscanismo, pobreza e caridade

Coordenação: Igor Salomão Teixeira (UFRGS)

1. Ideal de pobreza de Francisco de Assis

Aline Silva Ramos (UERJ)

2. A temática da pobreza nas cartas de Clara de Assis a Inês de Praga

Ana Clara Marques Lins (UFRJ)

3. Reflexões preliminares sobre o cuidado com os irmãos enfermos na regra bulada de São Francisco de Assis (século XIII)

Lívia Carine Falcão de Souza (UFRJ)

4. A pobreza franciscana nos pontificados de Nicolau III e João XXII (1279-1324)

Luiz Otávio C. Fleck (UFRGS)

Mesa 17: Marianismo e espiritualidade feminina

Coordenação: Marcelo Pereira Lima (UFBA)

1. A palmada de cristo: gênero e violência nas *Cantigas de Santa Maria* de Alfonso X o Sábio

Guilherme Antunes Júnior (UFRJ)

2. Tentaçao e redenção: sexualidade e eclesiásticos a partir da análise de uma *Cantiga de Santa Maria*

Nathália Silva Fontes (UFRJ)

3. Espiritualidade feminina e liderança religiosa: os relatos dos devotos de uma santa milanesa do final do século XIII

Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ)

4. O caráter profético escatológico nos escritos de Hildegard Von Bingen: epistolografia e visões – um exemplo em *Scivias*

Rejane Barboza da Silva (UFRJ)

Mesa 18: “Tempos Cristãos” na Primeira Idade Média

Coordenação: Paulo Duarte Silva (UFRJ)

1. Os sermões natalinos de Leão de Roma (440-454)

Paulo Duarte Silva (UFRJ)

2. *Lex Visigothorum*: uma discussão bibliográfica

Flora Gusmão Martins (UFRJ)

3. O rito batismal e as heresias: relações entre ortodoxia e heterodoxia na carta *De Trina Mersione*

Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ)

4. O teatro dos demônios: poder e estigmatização na *de Civitate Dei*

Peterson Macedo de Oliveira (UNESA)

Mesa 19: Práticas culturais, científicas e religiosas no medievo

Coordenação: Rodrigo dos Santos Rainha (UNESA - UFRJ)

1. A mística dos monges negros na Antiguidade Tardia

Jorge Gabriel Rodrigues de Oliveira (FSB RJ)

2. O conhecimento astronômico em sociedades ágrafas e a contraposição isidoriana

Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa (MAST/MCTI)

3. A moda medieval: uma discussão bibliográfica

Thaiana Vieira (UFRJ)

15h30min às 17h20min – 2º Sessão de comunicação

Mesa 20: Usos da Legenda Aurea

Coordenação: Carolina Coelho Fortes (UGF)

1. O martírio no século XIII: Pedro de Verona, o primeiro mártir dominicano?

Dionathas M. Boenavides (UFRGS)

2. Hagiografia, heresia e corpo. Um estudo de caso a partir da *Vida de Pedro mártir*, presente na *Legenda Áurea*

André Luís Caruso Cruz Junior (UFRJ)

3. As *Festes Nouvelles* de Jean Golein (c.1400)

Tereza Renata Silva Rocha (UFF)

4. O paganismo nas vidas de Martinho de Tours: análise comparada entre Sulpício Severo e Jacopo de Varazze

Gustavo K. Rolim (UFRGS)

Mesa 21: Reflexões sobre imagem e educação entre os mendicantes

Coordenação: Bruno Gonçalves Alvaro (UFS)

1. O saber nas relações de poder: a função educacional para os dominicanos no século XIII

Igor Soares Rodrigues (UGF)

2. A Universidade de Paris em 1272 e o *De Reductione Artium ad Theologiam* de Boaventura de Bagnoregio

Maurício Alves Carrara (UFF)

3. Domingos de Gusmão, os estudos e o tempo de santidade

Lucas Cunha Nunes (UFRGS)

4. As representações de Domingos de Gusmão e sua relação com as imagens: uma breve análise das iconografias *São Domingos e história da sua vida* e *Távola de São Domingos de Gusmão* – séculos XIII e XIV

Bruna Cruz Baptista (UFRJ)

Mesa 22: Hagiografia no reino visigodo

Coordenação: Ronaldo Amaral (UFMS)

1. A espada vingadora: ira divina e educação moral em duas vidas de santo visigodo do século VII

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (UFRJ)

2. O isolamento ascético na perspectiva de Isidoro de Sevilha (século VII)

Juliana Salgado Raffaeli (UFRJ)

3. A castidade na *Paixão de Eulália de Mérida* e a oposição religiosa no reino visigodo: *hostem carnis, adversarium fidei*

Vanessa Gonçalves Paiva (UFRJ)

4. A atuação do demônio na *Vita Desiderii* de Sisebuto (Península Ibérica, século VII)

Adriana Conceição de Sousa (UFRJ)

MESAS-REDONDAS

Dia: 05 de junho

Horário: 19h30min

Título: Estudos sobre Iconografia Medieval

Professoras: Vânia Leite Fróes (UFF) e Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP)

Local: Salão Nobre – Largo São Francisco, 1 – Centro – IH

Dia: 06 de junho

Horário: 19h30min

Título: Trajetórias e expectativas acadêmicas de pesquisadores do Programa de Estudos Medievais

Professores:

Ana Paula Lopes Pereira (UERJ)

Bruno Gonçalves Álvaro (UFS)

Rita de Cássia Diniz Damil (UFRJ - UNESA)

Rodrigo dos Santos Rainha (UNESA)

Local: Salão Nobre – Largo São Francisco, 1 – Centro – IH

CURSOS

Dias: 05 e 06 de junho

Horário: 17h30min às 19h15min

Título: A Arqueologia como fonte da História Antiga

Professora: Maria Manuela dos Reis Martins (Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia)

Local: Sala Celso Lemos – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Dia: 05 e 06 de junho

Horário: 17h30min às 19h15min

Título: A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição

Professor: Luís Fernando Oliveira Fontes (Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia)

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

LANÇAMENTOS

Dia: 06 de junho

Horário: 19h30min

Lançamento e divulgação de publicações e materiais de apoio aos estudos medievais

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

RESUMOS

ABERTURA

Cantilena Instrumental
Conjunto ATEMPO
Música da Idade Média

Alcimar do Lago flauta transversal, flajolés, flauta de três furos e órgão portativo
Pedro Hasselmann Novaes viola de arco e flajolé
William Monroy Bentes gaita de foles e percussões

www.conjuntoatempo.com.br

Nos primeiros séculos medievais, o bispo e pensador Isidoro de Sevilha (c.560-636) creditava apenas à memória a manutenção da tradição dos sons. Segundo ele, os sons, ou a música, não poderiam ser escritos. Contudo, os variados sistemas de notação musical desenvolvidos até o século XV representaram uma contribuição cultural notável à civilização do Ocidente. As características gerais dos códices medievais, raros, tardios, laboriosamente ilustrados e, sobretudo, dispendiosos, os aproximam dos objetos de coleção e das relíquias, mais preservados e menos manuseados. Se assim for, a constatação de Isidoro de Sevilha sobre a transmissão oral é confirmada. Mais do que um modo de transmissão, a oralidade oferece um universo rico em fórmulas rítmico-melódicas e variações dentro de um ambiente de improvisos e de referências que o conjunto de música medieval Atempo se propõe a explorar.

O programa Cantilena Instrumental reúne essencialmente peças vocais ibéricas, francesas e italianas de fins do século XII ao século XIV, e foi concebido em harmonia com o pensamento do teórico musical francês Jean de Grouchy (ca. 1255- ca. 1320), para quem um bom instrumentista devia fazer uso corrente de todo canto e cantilena e de qualquer forma musical.

MESAS – REDONDAS

Estudos sobre Iconografia Medieval

Imaginário bíblico e construção do tempo nas imagens medievais dos Livros de Horas Medievais

Vânia Leite Fróes
UFF

O riquíssimo material iconográfico dos Livros de Horas reúne em seus calendários temas do cotidiano e do trabalho e relembra nas outras partes o sacrifício divino, a história do povo eleito e as passagens das vidas de santos. Nestes códices as funções de texto e imagem articulam-se ao universo do sagrado, da memória e da própria ética cristã. No cristianismo a forma é, em última instância, expressão de Deus, expressão maior do verbo. A arte figurativa medieval, num sentido amplo, pertence ao universo do sagrado, mesmo quando representa cenas do universo laico. Remetendo ao princípio da criação, tem primordialmente função simbólica de transcendência, de salvação, de epifania. Toma-se

para análise comparativa do material iconográfico pequena série de imagens dos raros e belos códices classificados como Pembroke-Psalters.

**A letra e a imagem: as iniciais ornamentadas na Bíblia de Saint-Bénigne
(Ms. Dijon 2)**

Maria Cristina Correia Leandro Pereira
USP

A Bíblia iluminada de Saint-Bénigne de Dijon (BM Dijon 2), produzida no segundo quartel do século XII no *scriptorium* daquele mosteiro beneditino, é uma das mais conhecidas Bíblias românicas da França, embora pouco estudada. Nos últimos anos vimos buscando sanar essa lacuna, analisando tanto suas Tábuas de Cânones quanto suas iniciais ornamentadas. O objetivo da presente comunicação é apresentar parte desta pesquisa, analisando as diferentes relações entre a estrutura da letra e a imagem que a habita ou que a forma, a partir de uma série de exemplos tomados entre suas 68 iniciais.

Trajetórias e expectativas acadêmicas de pesquisadores do Programa de Estudos Medievais

"Deus amicitia est". Caridade e Amizade em perspectiva comparada: as *vitae* de beatas da diocese de Liège no século XIII face à Doutrina da Caridade na Patrística e na Mística Cisterciense

Ana Paula Lopes Pereira
UFRJ – UERJ

Nosso trabalho é fruto da reflexão iniciada no bacharelado, com o estudo sobre os sinais divinos na *Legenda Aurea* e na dissertação de mestrado sobre as relações interpessoais na *vita* de Juliana de Cornillon. Na tese de doutorado buscamos aprofundar nossos questionamentos sobre a narrativa hagiográfica e sobre as relações afetivas. Demonstramos através da análise comparativa entre a exegese do preceito evangélico da Caridade (o Amor de Deus e o amor ao próximo) em Agostinho e na Mística Cisterciense e as *vitae* das mulheres religiosas da diocese de Liège do século XIII que o conceito de Caridade e o ideal de amizade espiritual se transformaram, permitindo sua experiência no meio beguinal. Esse novo modelo de Amor e de Amizade, que fundamenta, para nós, uma nova concepção de santidade, foram colocados em discurso, inaugurando uma narrativa hagiográfica. As *vitae* de beguinhas e monjas cistercienses da diocese de Liège oferecem um vasto material de análise sobre o comportamento afetivo e intelectual, uma vez que a Caridade também é fonte de conhecimento. Os hagiógrafos buscando sistematizar um novo comportamento espiritual feminino, uma piedade laica e voluntária (o movimento beguinal), mas destinada ao controle eclesiástico, adaptam a exegese e o vocabulário da antropologia agostiniana e cisterciense que acentuam a participação da consciência individual na busca pela salvação. Dessa forma, acabam por refletir sobre como essas mulheres simples conhecem os mistérios divinos, sentem perfeitamente a Caridade, vivida plenamente como amor do Cristo e amor do próximo, e expandem sua Graça beneficiando, através de milagres que ordenam os afetos, aqueles elas amam e que as amam e que em contrapartida testemunham seus gestos.

Pelo franco debate: um olhar analítico sobre o Programa de Estudos Medievais como espaço formador de pesquisadores

Bruno Gonçalves Alvaro
UFRJ - UFS

O preenchimento de vagas em Universidades Públicas e Privadas por jovens professores, especialistas na área de História Medieval, nos últimos anos, não deve ser encarado como um simples processo de uma política governamental específica ou demanda de mercado. Para mim, este dado dever relacionado, também e principalmente, com o trabalho formador que os laboratórios e grupos de pesquisa dedicados ao estudo do

medieval têm empreendido. Um dos grandes exemplos é o Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Criado em 1991 e coordenado pelas Professoras Andréia C. L. Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva, este espaço de construção do conhecimento tem possibilitado debates acadêmicos que contribuem para novas perspectivas acerca do período medieval. A diversidade de projetos coordenados e pesquisas orientadas pelas duas supracitadas pesquisadoras, deve ser salientada como um dos grandes motivadores para a paisagem que vemos se desenhar no horizonte da historiografia produzida no Brasil sobre a Idade Média. Mais do que falar sobre minha própria trajetória como pesquisador e ex-aluno oriundo dos eventos e cursos de extensão realizados no âmbito do PEM-UFRJ, buscarei em minha fala analisar a pertinência deste programa como um espaço formador de profissionais capacitados à docência e pesquisa em História Medieval no nosso país.

Historiografia eclesiástica no reino visigodo: reflexões acerca da prática do historiador na antiguidade tardia

Rita de Cássia Damil Diniz
UFRJ – UNESA

Desde a graduação temos pesquisado sobre a história do reino visigodo no âmbito do Programa de Estudos Medievais sob a orientação da Professora Leila Rodrigues da Silva. Em um primeiro momento, nos dedicamos a estudar o discurso isidoriano sobre a caridade, tema de nossa monografia de final de curso. No mestrado, ampliamos a nossa reflexão sobre a questão, pesquisando sobre a problemática da assistência na sociedade visigoda, comparando os modelos assistenciais masoniano e isidoriano. Em nossa trajetória acadêmica, além da pesquisa, desenvolvemos atividades de ensino e de extensão. No doutorado, centramos-nos na análise da utilização político-ideológica do discurso historiográfico. Neste sentido, nesta comunicação, abordaremos três importantes autores eclesiásticos do século VII – Juan de Bicláro, Isidoro de Sevilha e Julian de Toledo – discutindo a relevância de suas obras historiográficas como instrumentos de promoção de padrões comportamentais e identitários, que objetivavam a consolidação de estruturas de organização/classificação sócio-política na sociedade peninsular daquele contexto.

A educação no livro X do livro das Etimologias de Isidoro de Sevilha

Rodrigo dos Santos Rainha – UNESA

Desenvolvemos nossa trajetória acadêmica desde a graduação participando das atividades de ensino, pesquisa e extensão promovidas pelo Programa de Estudos Medievais. Minha iniciação na pesquisa deu-se neste momento, como bolsista Pibic orientado pela Professora Leila Rodrigues da Silva. Deste o primeiro momento me interessei por estudar a educação no Reino Visigodo de Toledo. E foi aprofundando a reflexão sobre esta temática, explorando-a sob diversas perspectivas, que completei a minha formação acadêmica. Nesta comunicação trataremos de aspectos da educação moral propostos no modelo isidoriano e da relação mestre-discipular no reino visigodo durante o século VII, um recorte de minha tese de doutorado. Diante de seu papel como mestre reconhecido pelos bispos visigóticos, defendemos que Isidoro de Sevilha traça um perfil sobre a educação, suas formas de penetração na sociedade, fundamenta a educação moral, voltada para as atitudes e virtudes cristãs, explica, a partir de exemplos, o que é um bispo, e recupera elementos clássicos no sentido de reaver a posição da Igreja visigótica como continuadora do Império Romano.

A liderança isidoriana se espelha no papel de mestre que ele próprio formulou. O perfil deste mestre é marcado pelas relações pessoais, pela hierarquia episcopal e tem função primordial no âmbito intelectual. A proposta de Isidoro de Sevilha de organização do reino passou a ser um dos referenciais, entre outras questões, para o entendimento da função da educação, objetivo de seus principais trabalhos como as Etimologias.

CURSOS

A Hispânia entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. Introdução arqueológica a um período de transição

Prof. Dr. Luís Fernando de Oliveira Fontes
(Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia)

Programa

Na Península Ibérica, os séculos V, VI e VII correspondem ao período de domínio suévico e visigótico e constituem um período fulcral para a compreensão dos múltiplos aspetos que caracterizam, tanto o fim do domínio romano como o nascimento dos reinos cristãos altomedievais.

A investigação arqueológica tem vindo a contribuir, na última década, para um maior conhecimento dos fatores determinantes dos processos históricos que caracterizaram este período de transição.

TEMA 1: Breve introdução à arqueologia da Alta Idade Média: metodologias e problemáticas

Breve exposição do Método em Arqueologia Medieval. Qualquer projeto de investigação em arqueologia medieval supõe a adoção de um modelo metodológico de base. Contudo, admite-se que, em função dos objetivos da investigação, podem adotar-se distintas metodologias. Em arqueologia medieval, definem-se algumas especificidades metodológicas nas áreas da paisagem (*field survey* e análises de 'longa duração'), da arquitetura (análise estratigráfica de alçados), das práticas funerárias (paleoantropologia física) e no recurso às fontes escritas (maior quantidade de informação).

TEMA 2: Territórios. O contexto suévico e visigótico

Discussão do impacto provocado na sociedade hispano-romana pela imposição dos novos poderes políticos e ao papel desempenhado pela Igreja, designadamente na manutenção da organização administrativa territorial de tradição romana, manifesta na estrutura diocesana, assente na rede urbana pré-existente.

TEMA 3: Paisagens. Resiliência e inovação

Com base em dados de natureza arqueológica e documental, abordar-se-á a problemática das continuidades e mudanças das paisagens conformadas entre os séculos V e VIII, a partir de dois tópicos principais: estrutura de povoamento e arquiteturas (caraterísticas e significados).

A Arqueologia como fonte da História Antiga

Prof^a Dr^a Maria Manuela dos Reis Martins
(Universidade do Minho – Unidade de Arqueologia)

Programa

TEMA 1: Metodologias e problemáticas de investigação

1. Breve introdução à Arqueologia. Conceitos, fontes e métodos. O processo arqueológico. A metodologia arqueológica. Os sítios arqueológicos. O caráter interdisciplinar da arqueologia.
2. Breve introdução à Arqueologia Clássica. A evolução da arqueologia clássica: do antiquarismo e colecionismo à afirmação científica da disciplina.

3. As novas problemáticas de investigação. As novas arqueologias e a revolução dos saberes: a arqueologia urbana; a arqueologia do território; a arqueologia da construção; a arqueologia da produção; a arqueologia da morte; sociedade e religião.

TEMA 2: A arqueologia da construção: a arquitetura como temática de investigação

1. A arquitetura antiga. Os edifícios públicos como espaços funcionais, de sociabilidade e de narrativas de poder. A arquitetura doméstica como espaços de vivência e representação social.
2. Materiais e técnicas construtivas. Engenharia e obras públicas: rede viária e obras hidráulicas. A engenharia militar.
3. O processo construtivo e a construção como atividade económica: Intervenientes, fases de obra e cálculo dos custos dos edifícios.

TEMA 3: A arqueologia urbana: a evolução urbana como temática de investigação. Braga como caso de estudo (séculos I a XV)

1. A lenta descoberta de uma cidade: O Projeto de Salvamento e estudo de Bracara Augusta: escavações preventivas e investigação. Os resultados e a gestão integrada da informação.
2. O urbanismo romano e as fontes arqueológicas. A cidade do Alto e Baixo Império. As transformações tardo antigas (séculos V-VII).
3. O urbanismo medieval: arqueologia, fontes históricas e iconográficas. A cidade dos séculos VIII a XIII e a reconfiguração urbana. A consolidação do tecido urbano medieval entre os séculos XIV/XV.

COMUNICAÇÕES

A ATUAÇÃO DO DEMÔNIO NA *VITA DESIDERII* DE SISEBUTO (PENÍNSULA IBÉRICA, SÉCULO VII)

Adriana Conceição de Sousa
(Mestre – UFRJ)

A narrativa hagiográfica *Vita Desiderii*, escrita pelo rei visigodo Sisebuto (612-621) no início do século VII, tem entre as suas particularidades a característica de trazer em si o registro de conflitos de natureza política, devidamente revestidos de uma orientação moral e providencialista. Entende-se que esse e outros elementos fazem do documento em questão um material privilegiado para reflexões voltadas às possibilidades do discurso hagiográfico como ferramenta político-ideológica, a serviço tanto de poderes eclesiásticos como de poderes laicos.

Nesta comunicação, discutiremos o modo como as referências ao demônio, por exemplo, são utilizadas ao longo da narrativa como um recurso de deslegitimação e desqualificação de determinadas personagens – dentre elas, algumas figuras eminentes da elite governante merovíngia.

OS ASPECTOS MILITARES DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS E SUA LEGITIMAÇÃO EM BERNARDO DE CLARAVAL

Alan da Silva Rocha
(Graduando – UFRJ)

Esta comunicação está vinculada ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ, sob a orientação da Professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Este trabalho é fruto de um estudo iniciado recentemente sobre a Ordem dos Cavaleiros Templários e o seu papel na cristandade. Tal ordem/instituição religiosa foi fundada, segunda a tradição, por Hugo

de Payens com o apoio de 8 cavaleiros e do rei de Jerusalém Balduíno II, em 1118, logo após o fim da primeira cruzada. Nossa comunicação apresenta algumas considerações realizadas a partir da análise da Regra da Cavalaria Pobre do Templo e do texto Do elogio à Nova Milícia, ambos atribuídos a Bernardo de Claraval. Nosso objetivo é discutir os aspectos relacionados aos confrontos militares e sua proposta de legitimidade em Bernardo de Claraval.

PERMANÊNCIAS MEDIEVAIS NA ARTE FRANCISCANA DA AMÉRICA PORTUGUESA

Aldilene Marinho César Almeida Diniz
(Doutoranda – UFRJ)

O presente artigo dedica-se à análise de um fenômeno de longa duração muito específico, qual seja, o da permanência de figurações imagéticas medievais nas imagens de temas religiosos da América Portuguesa. Um caso particular será discutido, o da arte franciscana luso-brasileira, do qual serão retirados alguns exemplos que corroboram a hipótese da permanência de tipos iconográficos medievais sendo produzidos nas imagens encontradas no Brasil do século XVIII. Desse modo, o objetivo deste trabalho será discutir algumas permanências e transformações nos tipos iconográficos franciscanos da América Portuguesa, partindo de uma abordagem que privilegia a longa duração. Justifica-se tal abordagem a partir da verificação, para o mesmo período, de uma produção de imagens com temas franciscanos com a qual se pode identificar tanto a permanência da figuração de temas reconhecidamente medievais quanto a construção de outros tipos iconográficos que não faziam parte da tradição de imagens visuais do medievo. O enfoque teórico adotado é tributário da História Cultural, com ênfase nas condições de possibilidade dessa produção imagética, enfatizando suas relações com as práticas de uso da imagem e a apropriação da cultura medieval.

O DISCURSO SOBRE A PROPRIEDADE NA *REGULA ISIDORI* E NA *REGULA MONACHORUM*: UM ESTUDO COMPARADO

Alex da Silveira de Oliveira
(Doutorando – UFRJ)

A atividade monástica no reino visigodo ibérico do século VII foi palco de uma de ampla aderência social. Em virtude de tal quadro, constata-se a construção de variadas casas abaciais e seus respectivos códigos ordenadores, ou seja, regras monásticas. O objetivo desta produção documental fazia-se por construir padrões de comportamentos para os adeptos da vida comunitária a elas submetidos, isto em consonância com o dogma tido por ortodoxo no referido contexto.

Como resultado deste cenário e em resposta a ele, destacamos dois documentos que propomos para a análise, a *Regula Isidori* e a *Regula Monachorum Fructuosi*. Estes textos são regras monásticas cuja autoria, respectivamente, se atribui ao bispo Isidoro de Sevilha e ao igualmente bispo Frutuoso de Braga –prelados reconhecidos como importantes autoridades eclesiásticas no período. Desta forma, objetivamos analisar a questão da posse de bens no mosteiro, comparando as orientações fornecidas por ambos os textos em questão.

A FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA DE ACORDO COM A *VITA TELLONIS ARCHIDIACONI*

Aline Gadelha Kühner
(Mestre – UFRJ)

O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, fundado em 1131, foi um dos mais importantes cenóbios portugueses no Medievo. Segundo a tradição, o estabelecimento da instituição se deu através da idealização do arcebispo D. Telo e do priorado de D. Teotônio. Ainda no século XII, dois textos foram escritos quando da morte dos criadores da referida instituição agostiniana: a hagiografia *Vita Theotonii* e a narrativa *Vita Tellonis Archidiaconi*. Em minha dissertação de mestrado, analisei como as representações dos "biografados"

foram realizadas de forma a promover a legitimação do mosteiro. Nesta comunicação, será apresentada uma sessão da análise da *Vita Tellonis*. Discorrerei sobre a trajetória percorrida pelo fundador desde a idealização do cenóbio até a concretização do estabelecimento de Santa Cruz de Coimbra. Entre as duas balizas temporais, vinte anos e alguns eventos que podem ser relacionados à fundação do mosteiro; acontecimentos na trajetória pessoal de D. Telo, episódios das histórias coimbrã e portuguesa

IDEAL DE POBREZA DE FRANCISCO DE ASSIS

Aline Silva Ramos
(Graduanda – UERJ)

Durante a Baixa Idade Média houve um grande crescimento urbano e econômico, que ocasionou o surgimento de um novo tipo de pobreza causada pela desigualdade social gerada por essas transformações. Diferentemente da Alta Idade Média em que a pobreza era basicamente causada por desastres naturais, ou por problemas de saúde dos indivíduos.

Para remediar esse problema, iniciativas leigas começaram a aparecer. A Igreja Católica por sua vez, estava vivendo o auge do seu poder temporal, no pontificado de Inocêncio III, o que incluiu também, o aumento de riqueza dentro da própria instituição. Isso fez com que muitos grupos que pregavam a humildade e a pobreza se afastassem dela, sendo caracterizados por ela como hereges.

Nesse contexto, surgiu a figura de São Francisco, que nasceu e viveu em Assis, cidade italiana que participava do mesmo processo que o restante da Europa.

São Francisco de Assis apareceu contradizendo a Igreja e a sociedade, com o pensamento de seguir os passos de simplicidade de Jesus Cristo até as últimas consequências. Viveu na mais austera pobreza, socorrendo os miseráveis e os leprosos, criando uma nova ordem, que se diferenciava de tudo o que existia na Cristandade até aquele momento. Com seu exemplo, influenciou muitos homens daquela época e ainda a muitos outros nos dias de hoje.

O PASSADO A SERVIÇO DO PODER (CASTELA E LEÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIII)

Almir Marques de Souza Junior
(Doutorando – UFF)

A construção de uma ideologia monárquica se encontrava diretamente vinculada ao franco processo de expansão pelo qual o estado castelhano passou naquele período. Utilizando-se de elementos comuns àquela conjuntura, procurava-se fomentar a ideia de que os príncipes do reino eram descendentes diretos da antiga linhagem de reis visigodos, a qual havia sido extinta no momento da penetração islâmica na Península Ibérica em princípios do século VIII. Esta perspectiva mostrava os governantes de Castela não apenas como herdeiros, mas como verdadeiros continuadores da linhagem visigótica.

Tal ideologia foi o motor daquilo que hoje conhecemos como Reconquista da Península Ibérica. Mesmo que as primeiras menções à construção deste enunciado discursivo remonte ao século XI, com as primeiras crônicas asturianas, foi somente duas centúrias mais tarde que tal processo pode ser efetivamente viabilizado, num momento em que o Estado castelhano assumia uma posição de verdadeira supremacia militar no território ibérico.

A TEMÁTICA DA POBREZA NAS CARTAS DE CLARA DE ASSIS A INÊS DE PRAGA

Ana Clara Marques Lins
(Graduanda – UFRJ)

Em nossa comunicação pretendemos discutir a questão da *pobreza* na proposta de vida religiosa de Clara de Assis, segundo a tradição, a primeira mulher a seguir os ensinamentos de Francisco de Assis. Os documentos utilizados nesta análise são quatro cartas escritas pela religiosa destinadas a Inês de Praga, princesa da Borgonha, que

abandonou a vida material para ingressar na ordem franciscana (em 1234), deixando para trás promessas de casamentos com príncipes e com o futuro imperador Henrique VII. A primeira é datada entre 1234-35 e a última, no ano de sua morte, em 1253. O trabalho apresentará conclusões a partir da análise do conteúdo das cartas. Para tanto, será feito o levantamento e análise dos verbos e adjetivos presentes nos documentos, verificando a que/quem se referem, em qual contexto aparecem dentro das cartas, etc., procurando estabelecer a relevância da questão da *pobreza* no pensamento de Clara sistematizado nestas epístolas. Desta forma, damos continuidade ao trabalho apresentado na última jornada, em que foram apresentadas conclusões da análise dos escritos papais sobre a clarissa, também tendo como eixo a questão da pobreza. Esta comunicação está relacionada à nossa pesquisa individual de monografia de conclusão de curso, que pretende investigar a temática da pobreza na vida de Clara de Assis e a relevância de tal aspecto para a canonização da mesma no século XIII. Este trabalho está vinculado ao Projeto Coletivo “Hagiografia e História: um estudo comparativo sobre a santidade”, coordenado pela professora Andréia C. L. Frazão da Silva, cadastrado como linha de pesquisa no Diretório de Grupos do CNPq desde 2002 e registrado no Sigma sob o número 5013. Este projeto é realizado no âmbito do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HAGIOGRAFIA, HERESIA E CORPO. UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA “VIDA DE PEDRO MÁRTIR”, PRESENTE NA LEGENDA ÁUREA

André Luís Caruso Cruz Junior
(Graduando – UFRJ)

A questão principal que orientará este artigo é: Por que determinadas partes do corpo tem presença marcante na hagiografia de Pedro de Verona, presente na Legenda Áurea?

Parece que há uma relação entre Pedro de Verona e a representação que a Igreja faz das cidades italianas, uma vez que a presença de heresias nas comunas gerou um impasse na aliança ente elas e a Igreja contra o imperador. A vida de Pedro, portanto, se assemelha a das cidades, apesar de estarem em contato com as heresias, ambos teriam “lutado” contra elas, não sendo culpados por elas. Assim, a presença de determinadas partes do corpo humano nos milagres de Pedro de Verona podem apontar uma relação com problemas específicos com os quais a cidade precisaria se preocupar.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar a presença do corpo nos milagres presentes na “Vida de Pedro Mártir”, compilada na Legenda Áurea.

O BANCO DE DADOS DO PROJETO HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS FICHAS REFERENTES ÀS HAGIOGRAFIAS PRODUZIDAS NA PENÍNSULA ITÁLICA, ENTRE OS SÉCULOS XI E XIII

André Rocha de Oliveira
(Graduando – UFRJ)

Em nossa comunicação apresentaremos algumas considerações iniciais acerca de nossa atuação junto ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, no qual nossa atenção recairá sobre o desenvolvimento de fichas referentes às hagiografias produzidas na Península Itálica, entre os séculos XI e XIII. A elaboração das mesmas tem por escopo a publicação do volume 3 da Coleção Hagiografia e História, um dos objetivos do projeto idealizado e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Andréia C. L. Frazão da Silva desde 2000.

Para a realização deste trabalho, iniciaremos definindo o que entendemos por Hagiografia; abordaremos o projeto *Hagiografia e História*, e, por fim, realizaremos algumas reflexões sobre as informações reunidas até o momento no desenrolar da pesquisa.

ESPIRITUALIDADE FEMININA E LIDERANÇA RELIGIOSA: OS RELATOS DOS DEVOTOS DE UMA SANTA MILANESA DO FINAL DO SÉCULO XIII

Andréa Reis Ferreira Torres
(Graduanda – UFRJ)

O presente trabalho busca apresentar reflexões iniciais da pesquisa que pretendo desenvolver durante o mestrado, a partir da análise do processo inquisitorial contra os devotos e as devotas de santa Guglielma, produzido em 1300, em Milão, no qual foram registrados os depoimentos de pessoas consideradas suspeitas de crenças e práticas heréticas envolvidas no culto à santa, estabelecido em torno à abadia cisterciense de Milão e à casa das religiosas *humiliatas* de Biassono. Assim, buscarei apresentar uma breve discussão historiográfica acerca das reflexões sobre gênero e espiritualidade, levando em consideração os relatos de alguns dos devotos envolvidos no processo. Será priorizada uma abordagem que abarque as questões relativas à crença de que Guglielma seria a encarnação do Espírito Santo e à intenção do grupo de ter em uma das devotas, a *humiliata* Maifreda da Pirovano, a figura de liderança que ficaria a frente da hierarquia de uma nova Igreja após a esperada ressurreição de Guglielma.

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA INGLATERRA MEDIEVAL

Anna Beatriz Esser dos Santos
(Mestre – UFRJ)

Esta apresentação objetiva analisar sobre as condutas esperadas das mulheres, verificando tanto o comportamento que era idealizado, quanto o que era condenado e as formas como as mulheres medievais inglesas eram representadas. Quando nos referimos a essas caracterizações de mulheres, entendemos a importância de analisarmos as construções de identidade e, conseqüentemente, a idealização de todo um conjunto de expectativas e funções de cada papel social.

O processo de categorização inscrito no processo social de construção das identidades constitui-se pela diferenciação entre os grupos a que se pertença, mas também pela integração, sendo estes processos, de diferenciação ou integração, simultâneos, manifestados por práticas de aproximação e distanciamento relativo às situações sociais.

A TRANSCENDÊNCIA DO SER: A ALMA EM LO SOMMI DE BERNAT METGE (1399)

Ariane Lucas Guimarães
(Graduanda – UFES)

Desde a Antiguidade podemos notar a preocupação com o estudo da alma. O desconhecido, o Além fez com que os homens se preocupassem com o destino da alma humana. Morre ela com corpo? Se não, para onde vai? Platão já respondia essas perguntas a milênios atrás. Logo após, seu mais brilhante discípulo, Aristóteles, se debruçou nos estudos da composição anímica, e nos deixou um vasto legado com a Metafísica. Os medievais, em especial os padres da Igreja, continuaram a decifrar os segredos da alma. Grande estudioso, como nos prova em seu livro, Bernat Metge dedicou à alma todo o primeiro livro de sua obra *Lo Somni*, exemplificando a grande preocupação do cristão medieval. Para isso, lança mão de fontes e argumentos antigos para provar que a alma não somente tem habitação no homem, mas também após se libertar de seu receptáculo terreno, pode gozar da vida eterna. Neste artigo analisarei a alma na obra de Bernat Metge. E, assim como o autor, utilizarei diferentes pontos de vista para mostrar a alma imortal humana.

LEONOR TELES E INÊS DE CASTRO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL
PORTUGUESA NA LEGITIMAÇÃO DA DINASTIA DE AVIS

Bárbara Cecília Kreisler
(Mestranda – PUC-RJ)

A presente proposta consiste na análise da obra de Fernão Lopes: *Crónica de D. Pedro, Crónica de D. Fernando e a Crónica del Rei João I da Boa Memória* no que diz respeito à legitimação do poder da nova dinastia que assumia o trono português no final do século XIV. De acordo com as representações inscritas nas supracitadas narrativas, o presente estudo verifica a tecitura de uma ideia nacionalista e de comum português sob a pena de Lopes. E como se dariam tais ideias? Uma das questões aqui levantadas seria acerca das representações de Inês de Castro e Leonor Teles: uma, que foi proclamada rainha *post-mortem* e outra, odiada pelo povo. E o ponto-chave que as liga: ambas de origem Galega. Lopes utilizará de sua retórica para “retirar” destas mulheres e de seus descendentes o direito ao trono português e moldar seu discurso em prol da causa de Avis. Todavia, as rainhas em questão são representadas na Literatura até a contemporaneidade, cada uma a seu modo, mas que herdaram os traços mais fortes das representações de Fernão Lopes. Assim, o presente estudo visa verificar o contexto histórico-político da época e evidenciar tais hipóteses recorrendo às crônicas.

O MONACATO NA PENÍNSULA IBÉRICA NO SÉCULO VII: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Bárbara Vieira dos Santos
(Graduanda – UFRJ)

Esta comunicação está vinculada ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ e à FAPERJ, sob orientação da professora Leila Rodrigues da Silva, relacionando-se ao projeto: *As relações de poder nos reinos romano-germânicos em perspectiva comparada: o processo de organização eclesiástica e a normatização da sociedade nos reinos suevo e visigodo*. Nesta etapa da minha pesquisa, que trata da produção do monge Valério do Bierzo sobre a monja Egéria no documento *Epistola Batismae Egerie Laude*, tenho como objetivo estudar o movimento monástico, que se mostrou importante no processo de cristianização nos primeiros momentos do medievo. Analisarei, portanto, sua inserção no ocidente medieval e principalmente seus desdobramentos na Península Ibérica durante o século VII.

AS REPRESENTAÇÕES DE DOMINGOS DE GUSMÃO E SUA RELAÇÃO COM AS IMAGENS:
UMA BREVE ANÁLISE DAS ICONOGRAFIAS “SÃO DOMINGOS E HISTÓRIA DA SUA VIDA” E
“TÁVOLA DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO” – SÉCULOS XIII E XIV

Bruna Cruz Baptista
(Mestranda – UFRJ)

O culto aos santos assiste a um crescimento entre os séculos XI e XIII, justificando o surgimento do processo de canonização, iniciado no século XI, mas somente institucionalizado no XIII. Referentemente ao mesmo período, Schmitt aponta a confluência de um fato que chama de “revolução das imagens”, pois neste momento percebe-se um acentuado desenvolvimento de imagens religiosas, especialmente dedicadas ao papel de servir ao culto. Para alguns historiadores, como Jérôme Baschet, Fabio Bisogni e Sofia Gajano, o crescimento do número de santos, os seus cultos e o largo desenvolvimento de imagens a partir do século XII não foi uma mera coincidência. O santo tem, na imagem, a sua figura retratada e seus feitos, como milagres, que são a razão mais forte para o culto. Da mesma forma, a iconografia constitui-se num importante material de promoção da santidade, evidenciando os símbolos e as representações que marcam as figuras retratadas. Considerando tais fatores buscamos analisar as imagens “São Domingos e história da sua vida”, produzida em fins do século XIII, localizada no Museu Capodimonte (Nápoles – Itália) e “Távola de São Domingos de Gusmão”, do primeiro quarto do século XIV, localizada no Museu de Arte da Catalunha, com o objetivo de compreendermos as

representações de Domingos e seus milagres, a quem se destinavam as imagens e suas funcionalidades.

A MORTE DOS NÃO BATIZADOS N'A DIVINA COMÉDIA

Bruno Brandão Silva
(Graduando – Faculdade Saberes)

O presente trabalho tem como objetivo refletir a respeito da relação entre o conceito teológico do Limbo com a morte da criança não batizada, através da obra *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321). Desde o século V pairava a incerteza do destino das crianças não batizadas. Agostinho de Hipona (354-430) remete uma carta para São Jerônimo (347-420) declarando: "chegando à questão das penas de crianças, fico – acredita-me, profundamente angustiado e não sei absolutamente o que responder". No ano 1100, Anselmo da Cantuária (c. 1033-1109), com incerteza, não acreditava na salvação de crianças não batizadas, admitindo aceitar provas em contrário. Por outro lado, o Limbo infantil surgiu entre os séculos XI e XII, e não era considerado um dogma, mas sim uma hipótese. Havia divergências quanto ao destino das crianças que morressem sem o batismo, para alguns teólogos. Assim, Deus daria a oportunidade de escolha entre o bem ou mal que determinará a vida eterna no Céu ou no Inferno. Contudo, para a doutrina tradicional, a criança viveria eternamente no Limbo, livre das penas pessoais. Entretanto, não gozavam da comunhão com Deus. Em *A Divina Comédia*, Canto IV, Dante retrata a importância do batismo em vida "[...] Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo. Portal da fé, em que és ditoso crendo". Portanto, as crianças não batizadas, os que viveram antes do Cristo encarnado e os sábios da Antiguidade encontram-se no Limbo, que não se situa no Inferno, está suspenso entre o Céu e o mundo dos mortos.

INTERTEXTUALIDADE MANIFESTA NA *REGULA LEANDRI* E NA *REGULA ISIDORI*

Bruno Uchoa Borgongino
(Mestre – UFRJ)

Em março do presente ano, defendi minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizada sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Rodrigues da Silva e no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM), a pesquisa concluída considerou duas regras monásticas visigodas: a *Regula Leandri*, escrita na década de 590 por Leandro de Sevilha, e a *Regula Isidori*, redigida por Isidoro de Sevilha provavelmente entre 615 e 619.

O objetivo desta comunicação é demonstrar que a *intertextualidade manifesta*, ou seja, a referência explícita a textos anteriores, consistia num recurso dos dois autores para conferir validade às normas vinculadas em seus respectivos códigos monacais. Valendo-me das contribuições teóricas da Análise do Discurso, considero que o uso de outros escritos por Leandro e Isidoro de Sevilha atendia às condições históricas específicas de produção do discurso e tornava seus códigos monacais aptos a serem reconhecidos como ortodoxos e dignos de serem observados.

IBN HAZM E O OLHAR DE SEU TEMPO

Celia Daniele Moreira de Souza
(Graduanda – UFRJ)

Na leitura de "O Colar da Pomba" de Ibn Hazm (994-1064), ainda que seu objetivo maior seja a doutrinação no amor, verifica-se um caráter autobiográfico: as lembranças narradas por Ibn Hazm perpassam várias fases de sua vida, sobretudo seu passado sob o Califado Omíada de Córdoba e a memória de amigos que conviveram com ele nesta época.

Ao longo da análise desta epístola, é possível perceber também o quanto a figura de Ibn Hazm representava este califado, uma vez que seu modelo de reflexão estava completamente associado ao pensamento teórico de al-Andalus, criado pelo movimento científico iniciado pelo califa Abd al-Rahman III (889-961) e dirigido por seu filho al-Hakam al-Mutansir (915-976). O trabalho de Ibn Hazm corresponderia, assim, ao ápice

deste movimento, o que marcaria posteriormente a sua inadequação diante da nova realidade política e social com os Reinos de Taifas.

Nesta comunicação, discuto como Ibn Hazm por meio de “O Colar da Pomba” dialogaria com a tradição (*turath*) e com o seu tempo, analisando sua trajetória através dos conceitos de representação e apropriação de Roger Chartier e de elaboração da filosofia no ocidente islâmico medieval por Alain de Libera.

O CONHECIMENTO ASTRONÔMICO EM SOCIEDADES ÁGRAFAS E A CONTRAPOSIÇÃO ISIDORIANA

Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa
(Mestre – MAST /MCTI)

Abordaremos neste trabalho, como o uso e o controle do tempo se manifestam em distintas sociedades rurais. Em sociedades de atividades predominantemente rurais como as da Idade Média, onde a subsistência depende essencialmente das manifestações do tempo, o conhecimento da dinâmica celeste e de suas conseqüentes alterações, torna-se essencial para garantir o bom desempenho dos empreendimentos a ele relacionados. A observação do céu torna-se, assim, imprescindível para a administração das alterações ambientais. E o conhecimento sobre a mecânica celeste, invariavelmente, possibilita a previsão dos melhores momentos para o planejamento e a execução das diversas atividades. Essa necessidade de controlar o tempo foi a responsável pela construção dos diversos sistemas de marcação de tempo que deram origem aos diferentes tipos de calendários tal como conhecemos hoje.

O SEFER HASSIDIM COMO PRODUÇÃO INTELECTUAL: INTERAÇÕES, APROPRIAÇÕES E CONFLITOS

Cristiano Ferreira de Barros
(Mestrando – UFRRJ)

Durante a segunda metade do século XII e o primeiro quartel do século XIII as comunidades judaicas situadas no Reno presenciaram o surgimento de uma nova proposta religiosa ascética, estruturada em torno de um conjunto de valores espirituais e sociais que tinham por referência a necessidade de revelar a verdadeira vontade de Deus impressa nos textos sagrados do Judaísmo. Tal vertente do pensamento judaico produziu-se em torno dos *Hassidei Ashkenaz* (Devotos da “Alemanha”): Samuel, filho de Kalonimos de Espira, que viveu por volta de meados do século XII; Judá, filho de Samuel, que morreu em Regensburgo em 1217 e Eleazar de Worms, principal discípulo de Judá, que morreu entre 1223 e 1232. O Hassidismo produziu-se em torno das diretrizes presentes no *Sefer Hassidim*, o “Livro dos Piedosos”, texto de autoria atribuída pela maioria dos estudiosos a R. Judá, o *Hassid* (o Piedoso). Dentre os valores característicos do *Hassid*, é central a necessidade de viver por meio de valores elevados, indiferente aos prazeres terrenos e sempre sereno para lidar com os sofrimentos e vergonhas que a vida lhe impuser.

O USO POLÍTICO DA HISTÓRIA EM IDÁCIO DE CHAVES (século V)

Diego Martins Dória Paulo
(Graduando – UFRJ)

O trabalho a ser desenvolvido problematiza a existência da crônica de Idácio de Chaves. Em outras palavras, a pergunta que orienta a reflexão é: o que motiva este homem a escrever uma história? Para buscar uma hipótese explicativa para tal fato, tomarei como pressuposto os conflitos endógenos que acometem a aristocracia galaica durante a invasão dos suevos, no século V. É que à luz desses embates se torna possível compreender a história idaciana como instrumento de afirmação política episcopal, sendo a defesa desse ponto o objetivo da comunicação.

Para tanto, sustentarei a concepção de História como sistema simbólico, tal qual o definiu Pierre Bourdieu. Trata-se, portanto, de uma análise que busca explicar a função do discurso na arregimentação de poder. Assim, tomando a crônica como criadora de uma

gnosilogia particular, perceber-se-á que frequentemente Idácio objetiva a sua subjetividade, legando à posteridade uma representação de mundo que amplia sua autoridade política e social.

O MARTÍRIO NO SÉCULO XIII: PEDRO DE VERONA, O PRIMEIRO MÁRTIR DOMINICANO?

Dionathas M. Boenavides

(Graduando – UFRGS)

A discussão que propomos com esse trabalho é sobre a função e as características do martírio no século XIII. Utilizamos como fontes três documentos: a vida de Pedro, mártir, na *Legenda Áurea*, a *Vitae Fratrum*, de Gerardo de Frachet e a questão 124 da *Suma teológica* (“o martírio”), de Tomás de Aquino. A reflexão que elaboramos é resultado de cinco meses de pesquisa. Dado o curto tempo de trabalho, não objetivamos apresentar resultados definitivos. Pretendemos demonstrar a possibilidade de três caminhos diferentes para a continuação da nossa pesquisa: 1) análise da literalização do martírio; 2) trabalhar no âmbito da História intelectual a partir do tema específico; ou 3) utilizar a metodologia da História comparada, o que nos permitiria perceber os pontos comuns e/ou divergentes na construção social desse fenômeno, por exemplo, comparando duas ou mais hagiografias. O trabalho integra as atividades de iniciação científica desenvolvidas no projeto *Os Tempos da Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos dos santos mendicantes* (séculos XIII-XIV).

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS DE PORTUGAL NO REINADO DE D. AFONSO V

Douglas Mota Xavier de Lima

(Doutorando – UFF)

O presente trabalho tem como foco as relações diplomáticas portuguesas no reinado de D. Afonso V (1438-1481), terceiro monarca da Dinastia de Avis. Em meados do século XV, a diplomacia, assim como outros aspectos políticos do ocidente, estava em transformação e institucionalização, porém tais relações permanecem envoltas em lacunas. A identificação dos agentes diplomáticos e dos métodos de negociação, a investigação do papel do rei através da diplomacia, a sistematização dos tratados assinados, o estabelecimento dos espaços da burocracia e dos custos envolvidos nas missões, entre outras tantas questões são exemplos de problemas em aberto. Nesse quadro de indefinições, propomos uma indagação básica: com quem o reino de Portugal estabelecia relações diplomáticas? A pergunta é simples, porém nos permitirá identificar os caminhos seguidos pela historiografia, propor uma diferenciação entre o preparo da burocracia para os assuntos diplomáticos e as relações diplomáticas efetivamente existentes, além de possibilitar uma definição acerca da diplomacia praticada no século XV. Para estes objetivos utilizaremos, principalmente, o *Livro Vermelho*, produzido no reinado de D. Afonso, comparando-o com o *Livro dos Conselhos de El-Rey D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, escrito no reinado anterior.

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O REINADO DE OSWALDO SEGUNDO BEDA

Elvis Batista de Souza

(Graduando – UFRJ)

Essa comunicação está relacionado com uma pesquisa ainda incipiente, sob a orientação da professora doutora Leila Rodrigues da Silva. Como iniciante no Programa de Estudos Medievais (PEM –IH), o contato com o documento a ser analisado ainda é inicial. A fonte a ser analisada é o livro *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, escrito pelo monge Beda.

A proposta desta comunicação visa um debate acerca de elementos do 3º capítulo do livro “*Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*” sobre a visão de Beda, a qual narra a história da vida rei Oswaldo da Nortumbrea. No entanto, o livro também trata dos milagres ocorridos após sua morte, tanto nos lugares onde guerrear, quanto com suas relíquias.

LEGENDA DA ÚMBRIA E A QUESTÃO FRANCISCANA

Fábio Monteiro de Melo
(Graduando – UFRJ)

Do início do movimento franciscano para o ano de 1229, com o progressivo aumento e institucionalização do movimento, convertido em Ordem da Igreja Católica Apostólica Romana. Com a inserção da mesma no projeto mais amplo do papado; e consequente aumento do número de sacerdotes (clérigos) na mesma, a hegemonia desse grupo tomou força, concretizando-se nesse mesmo ano, com a deposição daquele que foi o último Ministro Geral leigo da Ordem, Frei Elias de Assis/Cortona, que, em geral, e acusado pelos escritos dos seus adversários, que formam a hagiografia tradicional da Ordem, de ser o traidor dos ideais do fundador. O documento que trabalhamos, A Legenda da Úmbria, documento recém descoberto, toma uma posição frente a uma das questões mais discutidas sobre Francisco de Assis, Frei Elias e a Ordem dos Frades Menores. Essa posição fomenta e resulta, de uma questão tão contrastante quanto inerente ao movimento. Essa é a questão franciscana.

LEX VISIGOTHORUM: UMA DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

Flora Gusmão Martins
(Graduanda – UFRJ)

O presente trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa *As relações de poder nos reinos romano-germânicos: o processo de organização eclesiástica e a normatização da sociedade*, sob a orientação da Professora Leila Rodrigues da Silva. Esta comunicação faz parte de uma etapa da minha pesquisa de iniciação científica, que consiste em estudar a presença do bispo na *Lex Visigothorum*, um código de leis compilado no reino visigodo do século VII. Neste trabalho pretendo fazer um levantamento bibliográfico sobre o documento estudado, com o intuito de ressaltar as principais questões debatidas acerca da fonte e quais os principais temas trabalhados com a sua utilização.

O EROTISMO RETÓRICO EM BOOSCO DELEITOSO

Francisco de Souza Gonçalves e José Carlos de Lima Neto
(Doutorando – UERJ; Mestrando – UERJ)

A retórica é uma disciplina que, em linhas gerais, pode ser definida como a arte de escrever e falar bem. Desenvolvida na Antiguidade Clássica e analisada por Aristóteles, a retórica chega à Idade Média com grande destaque fazendo parte do *Trivium* e sendo considerada importantíssima para a formação dos clérigos e da alta nobreza. O presente trabalho visa a investigar como esta arte atua na linguagem do *Boosco Deleitoso*, obra insigne da literatura medieval portuguesa, composta entre o fim do século XIV e início do XV, tida como uma das primeiras expressões eróticas do misticismo peninsular, cujo auge adviria com os grandes escritores do Barroco espanhol do século XVI: Teresa D'Ávila e João da Cruz. Tendo isso em vista, esta pesquisa, objetiva, principalmente, evidenciar que o texto literário discutido, ao empregar a linguagem erótica como recurso 'patético' (referente ao *pathos* grego) para o afloramento das emoções e paixões no leitor, leva-o a uma experiência epifânica com Deus; tal propósito é utilizado com forte intuito persuasivo, já que o que está em cena é a permanente querela entre o "bem e o mal", lugar comum na esfera de pensamento do homem, em vistas de sua tenção última e maior: a "conversão do pecador".

OS OFICIAIS DE ARMAS NO PORTUGAL QUATROCENTISTA: ARAUTOS, PASSAVANTES E REIS DE ARMAS NA CORTE DE D. JOÃO I (1385-1433)

Franklin Maciel Tavares Filho
(Mestrando – UFF)

Tenho por objetivo, através deste trabalho, abordar a importância dos Oficiais de Armas (Passavantes, Arautos e Reis de Armas) em Portugal durante o reinado de D. João I (1385-1433). Em Portugal, os Oficiais de Armas começam a ser citados em meados do

século XIV. Contudo, a origem destes cargos no reino português já esteve sujeita a muitos questionamentos. Após a vitória em Aljubarrota, D. João I se consolida no trono. Segundo Fernão Lopes, em sua narrativa a respeito da batalha de Aljubarrota, não havia a presença de nenhum arauto ou Rei de Armas que regulasse os pendões usados pelos nobres presentes, gerando interpretações diversas. Também pretendo abordar, se possível, algumas das funções em que atuavam estes Oficiais, apoiando-me no Livro de Arautos (1416).

A PALMADA DE CRISTO: GÊNERO E VIOLÊNCIA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA DE ALFONSO X O SÁBIO

Guilherme Antunes Júnior
(Doutorando – UFRJ)

As *Cantigas de Santa Maria* foram produzidas no século XIII, em Castela, sob a supervisão de Alfonso X o Sábio. A cantiga 59 intitulada *Como o Crucifisso déu a palmada a onrra de sa madre aa monja de Fontebrar que poséra de s' ir con séu entendedor* narra um episódio em que uma monja fugiria com seu namorado (*entendedor*) do mosteiro de Fontevrault (*Fontebrar*). No momento em que a religiosa se despedia de uma imagem de santa Maria, ela é atingida por um tapa (*palmada*) de outra imagem, a do Cristo crucificado. Este artigo comparará texto e miniatura presentes na cantiga a partir dos estudos gênero para compreendermos a violência como elemento regular nos discursos alfonsinos. Este artigo faz parte da minha tese de doutorado (em andamento) vinculada ao Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

ASPECTOS DA DEPENDÊNCIA SERVIL À INSTITUIÇÃO ECLESIAÍSTICA NAS ATAS DO IV CONCÍLIO DE TOLEDO

Guilherme Marinho
(Mestrando – UFRJ)

Durante o século VII na Península Ibérica, vemos ocorrer um processo duplice de afirmação política e organização interna por parte da instituição eclesiástica. Devemos notar que a autoridade do clero passava pela garantia da posição de seus membros na camada nobiliárquica, submetidos às estruturas sociais proto-feudais que permeavam o reino visigodo. O presente trabalho pretende debater o discurso construído no período acerca da relação estabelecida entre a instituição eclesiástica e seus servos, que se encontravam ligados a ela por laços de dependência análogos aos setores laicos.

Focamo-nos, portanto, em apreender alguns dos aspectos que delineiam a dominação de homens pela instituição eclesiástica no período. Tendo isto em vista, optamos por analisar primordialmente as atas do IV Concílio de Toledo, reconhecendo-o como um dos sínodos que apresentam significativo esforço normatizador em relação ao tema. Cabe ressaltar, que não objetivamos compreender, em sua totalidade, a situação dos segmentos inferiores da sociedade visigótica, mas sim abordar a problemática em conformidade com as referências presentes nas atas conciliares anteriormente mencionadas.

O PAGANISMO NAS VIDAS DE MARTINHO DE TOURS: ANÁLISE COMPARADA ENTRE SULPÍCIO SEVERO E JACOPO DE VARAZZE

Gustavo K. Rolim
(Graduando – UFRGS)

Neste trabalho será analisada a função do santo e a representação do paganismo nas hagiografias de Martinho de Tours, escritas por Sulpício Severo (c. 400 d.C.) e Jacopo de Varazze (†1298). A história comparada será utilizada como ferramenta de análise com o intuito de realizar a identificação da especificidade do objeto de estudo. Construindo quadros comparativos, de semelhanças e diferenças, pretendemos estudar a “construção” da santidade de Martinho de Tours e a questão da santidade frente a práticas, instituições, locais e, até mesmo, pessoas que seriam consideradas pagãs. O trabalho integra as

atividades de iniciação científica desenvolvidas no projeto Os Tempos da Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos dos santos mendicantes (séculos XIII-XIV).

PARADIGMAS MILITARES MEDIEVAIS NA INGLATERRA TUDOR – A ARQUEARIA EM DEBATE NO SÉCULO XVI

Hiram Alem
(Graduando – UFRJ)

Durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), a Inglaterra cultivou em seu seio uma larga quantidade de arqueiros a serem utilizados no decorrer da guerra, sendo fundamentais para a principal tática de combate inglesa: exércitos compostos por arqueiros e homens-de-armas desmontados, comumente lutando em posição defensiva. Tal tática rendeu vitórias que figurariam na memória dos ingleses séculos após o ocorrido.

Contudo, no século XVI a prática da arquearia bem como o emprego dos arcos em guerra passa a ser o centro de uma problemática envolvendo questões políticas, sociais e culturais ao analisarmos os argumentos que se inseriam neste debate. Entre seus principais expoentes temos a obra *Toxophilus* de Roger Ascham, publicada em 1545 em defesa da manutenção e incentivo da prática da arquearia na Inglaterra. Assim, temos que o objetivo desta comunicação é analisar a primeira metade do século XVI tendo por referencial os paradigmas tático-militares observados tanto no medievo inglês quanto no início do período posterior.

A CIDADE COMO PALCO DO REI – UM BREVE ESTUDO SOBRE AS FESTAS E CERIMÔNIAS REALIZADAS DURANTE O REINADO DE D. JOÃO II

Ieda Avênia de Mello
(Doutoranda – UFF)

Esta comunicação apresentará alguns resultados preliminares do projeto de doutoramento desenvolvido no âmbito do PPGH-UFF. Este projeto almeja estudar as relações de poder existentes entre a Dinastia de Avis e a cidade de Lisboa, inauguradas a partir da Revolução de 1383-85, até 1495. Ainda, como esta cidade se destaca como *palco* do poder avisino, na perspectiva de uma política teatralizada e legitimadora, expressa em festas e cerimônia régias. Mormente, como ela se consagra como um *microcosmo* do projeto centralizador de Avis num âmbito nacional, através da progressiva fixação do rei e de seu aparato administrativo em seu território, na emissão de legislações, na intervenção no concelho municipal, e na ordenação do espaço urbano.

Nesta oportunidade, serão abordadas as principais festas e cerimônias do reinado de D. João II, relatadas em suas crônicas. Bem como, suas morfologias e o papel desempenhado por estas no âmbito do projeto político joanino.

OS INIMIGOS DE CRISTO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO JUDAICA NO FUERO REAL DE AFONSO X

Igor Formaguerei Cunha de Oliveira
(Graduando – UGF)

Foi produzida, durante o reinado de Afonso X de Castela e Leão, uma vasta legislação com o intento de organizar e fortalecer a figura do monarca perante os poderes desagregadores do reino; o resultado desse esforço centralizador – no que tange ao campo jurídico – foram, por exemplo, o *Fuero Real* e as *Siete Partidas*. Essa legislação versou sobre diversos quesitos referentes àquela sociedade, inclusive sobre a interação dos judeus com os demais grupos sociais. Entendemos que a legislação dá forma ao discurso dominador da aristocracia, logo, ela é o resultado das tensões sociais, onde a aristocracia expressa seus modelos de sociedade e como ela mesma entende os atos considerados transgressores e passíveis de pena. Em Castela, o *scriptorium* afonsino normatizou as relações entre judeus e cristãos, procurando desta forma afastar o “mal

judaico” do restante da sociedade cristã. Em nosso breve trabalho, procuramos observar a partir das leis “anti-judaicas” do Fuero Real, como os judeus foram retratados na *lex castelhana*, bem como as disputas de poder que envolviam a minoria judaica no reino.

O SABER NAS RELAÇÕES DE PODER: A FUNÇÃO EDUCACIONAL PARA OS DOMINICANOS NO SÉCULO XIII

Igor Soares Rodrigues
(Graduando – UGF)

A ordem Dominicana, fundada em 1216 por Domingo de Gusmão, surge em um contexto histórico propício para o desenvolvimento de uma nova ordem, com a condição de seguir uma determinada regra, optando-se pela de Santo Agostinho, porém adaptando-a as necessidades momentâneas. Os dominicanos assumem o papel de pregadores, um braço institucional eclesiástico, ligado ao papado, com responsabilidade específica de combater as heresias, em um movimento reformista da Igreja, que nos remonta à séculos anteriores.

Pretendemos neste trabalho promover uma reflexão sobre as relações de poder, consequentemente as disputas por autonomia e influência, dentro das prerrogativas do saber, na primeira metade do século XIII, dando ênfase nas querelas surgidas na Universidade de Paris (*studium generale*) e sua importância e pretensão ao grupo dos pregadores. Portanto, buscaremos refletir sobre a importância do saber/conhecimento e sua manipulação, nas relações de poder, sob a busca de autonomia e expansão ideológica de determinado grupo na sociedade, para se fazer hegemônico em suas aspirações.

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE NAS *VITAS SANCTORUM PATRUM EMERETENSIVM*: O CASO DO ABADE NANCTO (633-638)

Ingrid Brito Alves da Assunção
(Graduanda – UFRJ)

Dentre os textos hagiográficos produzidos na Península Ibérica do século VII, podemos destacar a *Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium*. Este material, contendo cinco capítulos quase que completamente independentes, foi escrito provavelmente em 633, por um autor anônimo, e tinha como objetivo principal ressaltar a trajetória de homens santos que viveram na sexta centúria na cidade hispano-visigótica Mérida.

Para esta trabalho nos interessa abordar a terceira vida da VSPE intitulada *Começa a morte de um certo abade Nancto* que narra a vinda de um monge da África, que após viver algum tempo na capital da Lusitânia ingressa na basílica de santa Eulália, a padroeira da cidade de Mérida. Com o intuito de elencar e analisar os elementos presentes na narrativa hagiográfica que possibilitaram o abade Nancto tornar-se santo daremos destaque para as alusões à continência, à humildade e à intervenção divina presente na obra.

Graduanda em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Programa de Estudos Medievais e orientada pela Professora Leila Rodrigues da Silva, esta apresentação está associada ao desenvolvimento do meu trabalho monográfico de conclusão de curso.

CULTURAS EM CONTATO: OS ANGLO-ESCANDINAVOS E AS NOVAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS NA INGLATERRA DA ERA VIKING (793-1066)

Isabela Dias Albuquerque
(Doutoranda – UFRJ)

A proposta de nossa comunicação será a de discutir de que maneira as relações sociais entre anglo-saxões e escandinavos se construíam na Inglaterra, centrando nossa análise na *Danelaw* durante Era Viking (793-1066). Para tanto, procuraremos contextualizar o período em questão, trazendo à luz novos debates dentro dos estudos históricos e arqueológicos sobre o período e em como estes trabalhos tem nos auxiliado,

também, na compreensão das identidades anglo-saxã e escandinava, a partir de uma nova categoria identitária, a de *anglo-escandinavos*.

Partindo do pressuposto, dentro dos Estudos Culturais, de que não existem identidades a priori, entendemos cultura e identidade como em constante transformação e adaptação nas sociedades. Nossa análise será a partir de relatos da arqueologia – sobretudo sobre a morfologia das habitações – e das alterações linguística dos dialetos inglês antigo e nórdico antigo, dando à sociedade anglo-escandinava certo grau de bilinguismo.

IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA: VIVOS E MORTOS EM "LO SOMNI" DE BERNAT METGE (1340-1413)

Isabela Lopes Polato
(Graduanda – UFES)

Nascer, viver, e morrer, é comum a todos. Separadas apenas por uma linha tênue, vida e morte estão estreitamente ligadas. Uma vida regrada e com vistas a Alma, é o que faz diferença entre o gozo eterno ou a penitência interina. Em "*Lo Somni*" o enredo situa-se em torno do dialogo entre Imanência e Transcendência personificadas em Bernat Metge (1340-1413) e Dom João I, O caçador (1350-1396), rei de Aragão e Valencia. É importante acentuar que Bernat é acometido por um sono profundo. Metge sonhou. E, em seu sonho lhe apareceram três pessoas sendo uma delas Dom João I de Aragão. É neste ponto que pretendemos trabalhar, a coexistência entre vivos e mortos, qual a naturalidade desses encontros no medievo, quais circunstâncias estes possíveis encontros aconteciam. Para isso nos basearemos em "*Lo Somni*" para entender como se davam esses encontros entre Imanência e Transcendência.

O PRIMADO TOLEDANO NO EPISCOPADO VISIGÓTICO: O *DE VIRIS ILLUSTRIBUS* DE ILDEFONSO DE TOLEDO (SÉCULO VII)

Izabela Morgado da Silva
(Graduanda – UFRJ)

Os séculos VI e VII formam um período de mudanças singulares na Península Ibérica, mais especificamente no reino visigodo. Em grande parte essas mudanças podem ser verificadas na organização eclesiástica presente neste local e conseqüentemente suas sedes episcopais, que sofreram alterações quanto a sua importância e responsabilidade de acordo com as mudanças políticas, sociais e religiosas no período. Estas transformações podem ser percebidas na produção do *De Viris Illustribus*, de autoria de Ildefonso de Toledo, bispo de 657 a 667. Neste documento é possível perceber a clara intenção deste membro eclesiástico em exaltar Toledo como a sede episcopal de maior destaque no reino visigodo. Este trabalho pretende debater a proposição de primazia da sede toledana, realizando esta análise por meio dos indícios deixados no *De Viris Illustribus* e no conhecimento historiográfico sobre a organização política e eclesiástica do período.

AS DISPUTAS EM TORNO DOS TEXTOS CRISTÃOS NO SÉCULO IV: UMA ANÁLISE DO TRATADO *LIBRO SOBRE LA FÉ Y LOS APÓCRIFOS*

Jaqueline de Calazans
(Doutoranda – UFRJ)

A formação do cânone bíblico foi um dos elementos em questão para a construção da ortodoxia cristã nos primeiros séculos do Cristianismo. A fixação do cânone das Escrituras é um tema que se insere em uma fronteira tênue entre a História e a Teologia. A designação de livros como canônicos se fez com a desqualificação de outros tomados como apócrifos, o que se configurou como um dos elementos de disputa para a conformação da relação ortodoxia/heterodoxia dentro do corpo eclesiástico nos primeiros séculos do Cristianismo.

Nesta comunicação, analisaremos o Tratado intitulado *Libro sobre la fé y los apócrifos*, atribuído ao movimento priscilianista, e escrito no século IV. Com o auxílio dos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu de *capital simbólico* e de *habitus*, buscaremos

compreender como o autor do Tratado construiu a defesa da legitimidade de uma gama mais ampla de textos, questionando os critérios de seleção do cânone estabelecidos até aquele momento.

ADMOESTAÇÕES DE SÃO FRANCISCO: AS PERMANÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES E SILÊNCIOS DO 6º a 10º TEXTO EXORTATIVO.

Jefferson Eduardo dos Santos Machado
(Doutorando – UFRJ)

Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Frades Menores, foi um dos grandes expoentes da Igreja Romana no século XIII. Sua pregação e modo de vivenciar o Evangelho o tornaram uma das figuras mais conhecidas e seguidas da Península Itálica e da Europa de um modo geral. Nesse trabalho, nos debruçaremos sobre o texto Admoestações, ditado por ele. Nosso intuito é observar, nos textos da sexta a décima admoestações, as paráfrases e Polissemas, principalmente essas, do seu discurso em relação a outros que estão dentro de sua fala. Além disso, ao fim dessa busca iremos pontuar algumas conclusões sobre esse discurso, a fim de entender o que o frade pretendia ao construí-lo. Essa comunicação faz parte de uma pesquisa maior, que visa comparar as obras de Antonio de Pádua e Francisco, a fim de reconhecer as similitudes e diferenças, que proporcionaram um novo modo de pensar hegemônico no interior da instituição franciscana.

“UMA IDADE MÉDIA QUE PERDURA AINDA...” GUÉDELON E A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA MEDIEVAL NO SÉCULO XXI.

João Batista da Silva Porto Junior
(Mestrando – UFRJ)

Os castelos medievais sempre despertaram fantasias e serviram de inspiração para muitos palácios românticos construídos ao longo dos séculos XVIII e XIX. Erguidos sobre promontórios rochosos, destacam-se hirtos na paisagem e sua imagem evoca, quase que imediatamente, o mito do cavaleiro de armadura, lança e escudo. Por toda Europa, as ruínas destes castelos ainda são visíveis, mas agora são mais pitorescos do que ameaçadores.

Atualmente, em pleno século XXI, essa arquitetura medieval parece continuar em voga e na França o anacronismo arquitetônico alcançou seu ápice. Na densa floresta de Puisaye, encontra-se em plena produção o “Castelo de Guédelon”. Respeitando as mesmas condições de trabalho e as técnicas construtivas do século XIII, utilizando materiais e ferramentas tradicionais, os homens e mulheres de Guédelon estão revivendo o *modus operandi* do passado.

Tudo em Guédelon é produzido no local de maneira artesanal, não existindo exceções, com uma produção fiel aos métodos e padrões da época. A sua construção retoma um conjunto de temas comuns aos movimentos historicistas/revivalistas dos séculos XVIII e XIX e o projeto recupera a importância dos ofícios artesanais, restaura a acuidade dos detalhes ornamentais e revive o melhor da arquitetura profana românica francesa. E lá, nos bosques de Puisaye, a Idade Média ressurgiu, não mais idealizada e fantasiada, contudo, almejando ser arqueologicamente correta e verossímil.

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA COROA NO ESTADO PORTUGUÊS AVISINO (1438-1481)

João Cerineu L. de Carvalho
(Doutor – UGF)

Regularmente apontado como responsável pela ruptura de Portugal com suas raízes medievais, à dinastia dos Avis foi historiograficamente imputado o protagonismo na constituição do Estado português Moderno. Predominantemente, esse tipo de interpretação supervaloriza o papel da instituição régia no fenômeno estatal baixo-medieval. Dessa forma, a despeito de aspectos relevantes de sua materialidade, inúmeros episódios envolvendo a autoridade régia durante o reinado de D. Afonso V (especialmente entre 1449 e 1481) são por vezes considerados antagônicos ao processo desencadeado

com a fundação da dinastia. A fim de desconstruir tais perspectivas, inclusive colocando em questão o sentido de “modernidade”, faz-se necessário definir com maior precisão o papel e o significado histórico da Coroa como um fenômeno plenamente integrado às estruturas de poder do Portugal avisinso, e como agente essencial na reprodução da dominação nobiliárquica e da exploração feudal naquela sociedade. Para cumprir tal objetivo, concentro-me em articular a Coroa a princípios que permitam delinear com maior profundidade as transformações vivenciadas pelo Estado português sob os Avis, com ênfase no período afonsino. Portanto, é necessário não apenas identificar o papel da monarquia no processo, como repensar os próprios parâmetros pelos quais a instituição deve ser interpretada. Procuro, assim, privilegiar a dialética processual entre objetivos políticos e econômicos, na composição da estrutura estatal do Portugal quatrocentista, que acabaram por adentrar o século XVI.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A *CHRONICA GOTHORUM*

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira
(Graduando – UNESA)

Nesta comunicação, faremos algumas reflexões sobre uma crônica escrita entre os séculos XII e XIII, na Península Ibérica, de autoria desconhecida, intitulada *Chronica Gothorum*. O contexto de produção da obra foi marcado pelos efetivos confrontos entre cristãos e muçulmanos na península – movimento denominado tradicionalmente pela historiografia como Reconquista, e pela busca de afirmação da autonomia portugalense face ao Reino Castelhana-leonês. Neste sentido, a *Chronica Gothorum* busca consolidar uma memória que conta a história fundacional da monarquia portugalense, contribuindo para a construção de uma identidade do condado e reforçando seu caráter de independência. O objetivo principal desse nosso trabalho é fazer uma apresentação desta obra, destacando, os dados e características considerados, sob a nossa perspectiva, fundamentais para a compreensão do seu lugar social de produção. Esse trabalho é fruto de uma análise inicial da referida obra, cujo fim é estruturar um terreno mais sólido, e, portanto, seguro para as futuras propostas que abordem seu conteúdo.

A MÍSTICA DOS MONGES NEGROS NA ANTIGUIDADE TARDIA

Jorge Gabriel Rodrigues de Oliveira
(Graduado – Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro)

Recentemente, o Bispo Emérito de Roma, Papa Bento XVI, em sua Exortação Apostólica, mostrou interesse e preocupação com a questão da leitura da Sagrada Escritura e conseqüentemente com a *Lectio Divina* na Igreja. Sendo assim, nos propomos a analisar a gênese dessa prática espiritual, a partir de seu viés místico, no âmbito do monaquismo beneditino, no momento de seu nascedouro, qual seja, a Península Itálica de São Bento e São Gregório Magno. A saber, no período denominado pela historiografia como Antiguidade Tardia, época imbricada entre a Antiguidade e o Medievo, na qual Igreja de Roma lutava contra “barbarismos”, heresias e paganismos, ao passo que, de certa forma, também sofria influências de tais elementos, uns em maior, outros em menor grau. Portanto, analisar o que a Regra, tradicionalmente conferida a Bento de Núrsia, tem a nos dizer a respeito da prática da oração e da leitura dos textos sagrados e compará-la com o conteúdo de fundo “maravilhoso” elaborado por Gregório Magno, criador da imagem de São Bento, poderá elucidar questões a muito esquecidas ou guardadas nos claustros dos monges negros.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AUTORIDADE EPISCOPAL A PARTIR DA ANÁLISE DAS ATAS DO VI CONCÍLIO DE TOLEDO (SÉCULO VII)

Juliana Prata da C. Mezavilla
(Graduanda – UFRJ)

Esta comunicação tem como referência documental as atas do VI Concílio de Toledo convocado em 638, no reino visigodo, pelo monarca Chintila. O século VII é considerado pela historiografia um momento de extrema importância para a Igreja toledana. Isto porque, após a fase inicial de organização, esta instituição desenvolveu um

intenso processo de fortalecimento para o qual as assembleias conciliares assumiram um papel relevante. Com base nessas referências, interessa-nos analisar a inserção do bispo neste contexto, com destaque os aspectos concernentes à sua autoridade demarcados no conjunto de cânones do VI Concílio. Com este propósito, dialogaremos com a historiografia que aborda o papel desempenhado pelo bispo na sociedade visigoda.

O ISOLAMENTO ASCÉTICO NA PERSPECTIVA DE ISIDORO DE SEVILHA (SÉCULO VII)

Juliana Salgado Raffaeli
(Mestranda – UFRJ)

A relação da instituição eclesiástica com o monacato, no início da Idade Média, caracterizou-se frequentemente como conflitante e contraditória, principalmente quando dizia respeito à vida eremítica. A discussão sobre o isolamento ascético não comunitário se fez presente na Hispânia visigoda por meio de documentos consensuais da instituição eclesiástica tais como epístolas, cânones conciliares, regras monásticas e hagiografias. Neste trabalho, interessamo-nos pela análise da perspectiva de Isidoro de Sevilha, figura que foi referência para o seu período no concernente à normatização. Os trabalhos do sevilhano que vão pautar nossa análise são *De ecclesiasticis officiis*, com especial atenção às tipologias monásticas, e *Regula Isidori*, em particular o capítulo voltado aos monges, observando o que se refere à vida em isolamento ascético.

Buscamos ressaltar a questão eremítica do ponto de vista daqueles que estão preocupados com a regulamentação das práticas religiosas, sobretudo as que fugiam ao controle das autoridades competentes. Este trabalho tem como objetivo, portanto, definir e contrapor o ascetismo em isolamento, fora do espaço cenobítico, por meio da análise dos discursos entendidos como ortodoxos, presentes nas documentações apresentadas.

PODER E ALTERIDADE NO MOVIMENTO EXPANSIONISTA PORTUGUÊS DO SÉCULO XV

Katiuscia Quirino Barbosa
(Doutoranda – UFF)

Os estudos de História Política na Idade Média ganharam fôlego a partir da década de 1970, notadamente pela utilização de conceitos oriundos de outras Ciências Sociais, destacando-se, nesse sentido, a noção de poder “importada” da Antropologia e largamente aplicada pelos historiadores da “Nova História”. A aproximação entre História Política, doravante entendida como História do Poder e das ideias Políticas e não mais como uma apologia ao factual, tampouco como um panegírico de notórios chefes de Estado, e História da Cultura se faz perceber, sobretudo, a partir da renovação historiográfica no campo da História Cultural, observada no final da década de 1980, o que nos leva à pesquisas que enfatizam a produção do Imaginário Político e a relação entre Cultura e Poder.

No que tange aos estudos sobre o imaginário político português baixo medieval, destaca-se nos últimos anos a larga produção historiográfica sobre o poder régio e suas formas de representação durante a Dinastia de Avis. Nosso objetivo neste artigo é a análise das formas de representação do poder na África negra, isto é, a concepção do poder no imaginário político do “outro”, na literatura portuguesa da segunda metade do século XV, considerando a produção cronística avisina e os relatos de viagem do período.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LEGITIMAÇÃO DO PODER RÉGIO A PARTIR DOS CONCÍLIOS HISPANO-VISIGÓTICOS GERAIS DO SÉCULO VII

Kemmely da Silva Barbosa
(Graduanda – UFRJ)

O objetivo deste trabalho é tornar públicas algumas considerações sobre o estágio inicial de minha pesquisa, que vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM-UFRJ), sob a orientação da Prof^a Dr^a Leila Rodrigues da Silva, visando à redação da monografia de conclusão de curso. A documentação que utilizo são as atas conciliares hispano-visigóticas gerais do século VII. Como resultado inicial, fruto de

meu primeiro contato com a pesquisa, elaborei uma tipologia concernentes às principais temáticas presentes nestas atas. Concretizado este primeiro trabalho, o material me permitiu ainda refletir acerca da justificação do poder régio, relacionada, mais especificamente, ao contexto político do reino visigodo dos anos 681 a 693. Neste sentido, tendo em vista o cânone 75 – IV Concílio de Toledo-, discorreremos sobre as trajetórias de Ervigio e Egica, dois dos soberanos representativos deste processo.

A POLÍTICA LINGUÍSTICA DO REINADO DE AFONSO X, O SÁBIO

Leonardo Augusto Silva Fontes
(Doutorando – UFF)

A vernacularização lingüística foi um dos principais eixos do projeto político de Afonso X, que reinou em Castela e Leão de 1252 a 1284 e foi conhecido como Rei Sábio. Este monarca se destacou por sua vasta produção escrita (de cunho poético, normativo, histórico, científico, narrativo, filológico, religioso e até místico), quase toda em castelhano, à exceção das cantigas (galego-português). Além disso, ele se envolveu diretamente na elaboração e difusão dessas obras, e nos saberes que sua corte patrocinava, em um momento de intensa ebulição cultural e de mudança da relação dos medievais com a escrita e o saber. O reinado afonsino foi construído e alicerçado, portanto, em línguas vernáculas (castelhano e galego-português) no campo político, cultural e científico, antes monopolizados pelo latim. Essa política lingüística se coadunava com a pretensão de aglutinação social e superioridade régia. Afonso X parecia, como seus próprios textos demonstram, consciente do poder de sua escrita e da vernacularização proposta por seu projeto lingüístico de uniformização – apesar de sua intenção de ser imperador da cristandade. É essa relação entre línguas e poder no reinado afonsino que este trabalho pretende problematizar.

REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O CUIDADO COM OS IRMÃOS ENFERMOS NA REGRA BULADA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (SÉCULO XIII)

Lívia Carine Falcão de Souza
(Graduanda – UFRJ)

As regras, do latim “regula”, constituíram na Idade Média um gênero literário específico por possuírem características e objetivos particulares. São, basicamente, legislações que definem a norma de conduta de uma comunidade religiosa e servem como direção para o cotidiano de todos aqueles que aceitaram obedecê-la em busca da melhor forma de vida espiritual. Dentro dos variados tópicos encontrados neste tipo de documento, interessa-nos os que se preocupam com a enfermidade dos integrantes dos grupos ascéticos que observam estes conjuntos de preceitos. Os movimentos religiosos medievais pautavam-se na renúncia ao mundo, à vontade própria e aos prazeres físicos, a fim de alcançar o desígnio proposto da vida “perfeita” em comunhão com Deus. Neste sentido, as prescrições relativas ao corpo enfatizam sempre a necessidade de um permanente controle de si próprio. As restrições alimentares, as longas jornadas de trabalho, as vigílias que perturbavam o sono, a luta contra o desejo e o prazer pessoal são parte deste regime austero. Entretanto, aos que adoecem são concedidas temporariamente algumas exceções em vista do seu estado de saúde, o que influencia e modifica toda a relação da comunidade. Sendo a doença algo que atinge o âmbito corpóreo, este trabalho insere-se no campo da História do Corpo. A presente comunicação apresenta reflexões desenvolvidas durante nossa pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia C. L. Frazão da Silva, a propósito dos cuidados com os irmãos enfermos provenientes da leitura da Regra Bulada de São Francisco de Assis, composta no século XIII e textos que tratam especificamente da vida do santo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVERSÃO DE CLÓVIS SEGUNDO GREGÓRIO DE TOURS

Luander do Valle Barros
(Graduando – UFRJ)

Esse trabalho está relacionado com uma pesquisa recém começada, sob a orientação da professora doutora Leila Rodrigues da Silva, já que acabo de ingressar no Programa de Estudos Medievais (PEM –IH) e o contato com o documento a ser analisado ainda é inicial. A fonte a ser analisada é a *Historia Francorum*, livro escrito pelo bispo de Tours, Gregório, no século VI, e que narra a história dos francos.

Nesse sentido, nesta comunicação focarei minhas considerações em um trecho do *Liber II*, em que Gregório apresenta sua visão da conversão de Clóvis, rei dos francos pertencente à dinastia merovíngia, ao cristianismo niceno.

DOMINGOS DE GUSMÃO, OS ESTUDOS E O TEMPO DE SANTIDADE

Lucas Cunha Nunes
(Graduando – UFRGS)

Apresentamos, neste trabalho, reflexões iniciais sobre o tempo de santidade de Domingos de Gusmão (canonizado em 1234, morto em 121. Tempo de Santidade: 13 anos). Analisaremos se e como a formação intelectual do fundador da ordem foi tratada nas hagiografias escritas por Pedro Ferrão e Constantino de Orviedo. Para analisar esses dois textos utilizamos elementos da história comparada. Partimos da premissa que a relação desse santo com os estudos não ocupa espaço significativo em seu processo de canonização. Desta forma pretendemos analisar a formação da Ordem dos Pregadores como uma Ordem que forneceu muitos mestres em teologia e direito para as universidades entre os séculos XIII e XIV. O trabalho faz parte da iniciação científica desenvolvida no projeto de pesquisa Os Tempos da Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos dos santos mendicantes (séculos XIII-XIV) e está em fase inicial de desenvolvimento.

A POBREZA FRANCISCANA NOS PONTIFICADOS DE NICOLAU III E JOÃO XXII (1279-1324)

Luiz Otávio C. Fleck
(Graduando – UFRGS)

Este trabalho faz parte da iniciação científica desenvolvida no projeto Os Tempos da Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos dos santos mendicantes (séculos XIII-XIV). O tema é a análise dos debates teológicos ocorridos entre o século XIII e XIV a respeito da pobreza franciscana. Para isso, se fará uso da bula *Exiit qui Seminatus*, de 1279, promulgada por Nicolau III, com o intuito de dar um parecer definitivo sobre a regra da pobreza dos frades menores; das bulas *Quum inter nonnullos*, de 1323, e *Quia quorundam*, de 1324, ambas promulgadas por João XXII, sendo a primeira destinada à condenação do movimento dos espirituais, e a segunda de revogar todas as decisões anteriores a respeito da pobreza franciscana. A análise desses dois pontificados distintos está pautada pela História Comparada. A hipótese geral da pesquisa é se e como as canonizações, compreendidas dentro desse período, podem ajudar a responder, e entender, essa mudança de posição quanto à pobreza franciscana. O projeto encontra-se em fase inicial, de contextualização dos debates sobre a pobreza, não havendo ainda resultados ou conclusões.

O AMOR MEDIEVAL NAS ÁREAS GERMANÓFONAS NAS VISÕES FEMININAS DE GERTRUDES VON HELFTA E MARGUERITE PORETE

Lygia Carvalho
(Graduanda – UFRJ)

Entre os séculos XIII e XIV surge na Europa uma nova forma de religiosidade conhecida como Misticismo. Um dos pontos que mais nos chama a atenção com respeito a ele é a intensa participação da mulher nesse período. Com foco nas obras produzidas por

Gertrudes von Helfta e Marguerite Porete, este trabalho propõe-se a analisar o misticismo a partir dessas personagens femininas e como elas entendiam o encontro com Deus, a *unio mystica*, e também suas vidas, pois respectivamente, uma era monja, ou seja, estava ligada a uma ordem religiosa e a outra era considerada por estudiosos como uma beguina, ou seja, não estava presa ao controle de uma ordem específica.

REFLEXÕES SOBRE UMA FONTE À LUZ DE UMA NOVA ABORDAGEM: O *ESOPE*,
FABULÁRIO ANGLO-NORMANDO DO SÉCULO XII

Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato
(Doutoranda – UFRJ)

Entre os objetos da história que, nos últimos anos, retornaram com uma problemática profundamente renovada, a história política constitui, no entender de Jacques Le Goff, o mais importante regresso, visto objetivar a construção de uma história do político como uma história do poder sob todos os seus aspectos, entre os quais o simbólico e o imaginário. O *Esopo* é uma coletânea de fábulas escritas por Marie de France no vernáculo anglo-normando durante o reinado de Henrique II Plantageneta (1154-1189). Cerca de ¼ da obra é formado por fábulas de cunho político, visto seus personagens e situações se inscreverem em temáticas relacionadas ao mundo do poder. Muito embora sua autora tenha afirmado que traduziu o livro de Esopo tal como o encontrou, tais fábulas fazem referências que são típicas das relações políticas da época, não podendo, portanto, ser atribuídas a uma antiga coleção produzida em outro contexto histórico. Desse modo, a comunicação pretende identificar as fábulas políticas do *Esopo* como fonte apropriada para o estudo das relações de poder na “Engleterre” do século XII sob a perspectiva da nova história política.

A ICONOGRAFIA DO OFÍCIO DA VIRGEM MARIA NOS LIVROS DE HORAS DA REAL
BIBLIOTECA PORTUGUESA

Maria Izabel Escano Duarte de Souza
(Mestranda – UFRJ)

Esta comunicação se propõe a apresentar os Livros de Horas que fazem parte do acervo de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, oriundos da Real Biblioteca Portuguesa. Como fruto inicial de uma pesquisa de graduação e mestrado, aqui serão discutidas questões concernentes à iconografia do Ofício da Virgem Maria nestes livros, e principalmente seu papel como objeto de devoção particular e objeto artístico.

Podemos defini-los como livros de orações que continham salmos, ofícios, litanias e sufrágios, que deveriam ser lidos (ou recitados) nas oito horas canônicas do dia. Feitos para leitura e meditação individuais dos leigos, continham uma série de iluminuras e decorações que auxiliavam em sua leitura. Nas origens e na popularidade deste livro, está o contexto de expansão do culto à Virgem Maria que ocorre no século XIII e se prolonga por toda a Baixa Idade Média.

Entende-se que compreender o papel destes Livros de Horas ajudará a elucidar algumas das práticas de devoção do laicado na Baixa Idade Média, que se emancipa em relação à dominação do clero no que diz respeito à criação, uso e interpretação de livros religiosos. Significa, também, contribuir para a expansão do conhecimento histórico e artístico do mesmo período.

A COMUNA DE PERÚGIA NO SÉCULO XIII

Maria Valdiza Rogério da Silva
(Doutoranda – UFRJ)

Este trabalho busca destacar algumas reflexões relacionadas à minha pesquisa de doutorado, vinculada ao projeto coletivo *A produção normativa no século XIII e os discursos sobre os corpos e sobre a diferença sexual: reflexões sobre as península ibérica e itálica*, coordenado por minha orientadora, a Profa. Dra. Andréia Frazão da Silva, e em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC e

ao Programa de Estudos Medievais – PEM. O título da pesquisa é “As relações de gênero e a construção da condição masculina e feminina nas fontes jurídicas do século XIII, na cidade de Perúgia.” O objetivo é analisar e comparar como textos normativos peruginos definem os papéis sociais de homens e mulheres. Nesta comunicação, será enfatizada a comuna de Perúgia, destacando o contexto histórico, político e a organização social da mesma durante o século XIII.

DEBATENDO O FUERO NOÇÃO DE CRIME/YERRO: UMA LEITURA REAL

Marta de Carvalho Silveira
(Doutora – UGF)

O propósito deste trabalho consiste em discutir a forma como teórica, metodológica e historiograficamente, o conceito de crime/yerro foi abordado em nossa pesquisa de doutorado intitulada *As Penalidades Corporais e o Processo de Consolidação do Poder Monárquico Afonsino (1254-1284)* e concluída neste ano de 2012 sob a orientação do Prof. Dr. Mario Jorge da Motta Bastos. Sendo assim, convém explicitarmos a problemática que norteou a elaboração do trabalho, a saber, a utilização de mecanismos jurídicos, em específico as penalidades corporais, como instrumentos de consolidação da política de centralidade do poder monárquico na Castela de Afonso X (1254-1284). A fim de viabilizar a resolução desta questão, elegemos como fonte básica de análise o *Fuero Real*, código jurídico produzido durante o reinado afonsino como fruto de um projeto de uniformidade jurídica para o reino castelhano, iniciado desde o reinado de Fernando III, onde coexistiam até aquele momento, diversas cartas forais.

A UNIVERSIDADE DE PARIS EM 1272 E O ‘DE REDUCTIONE ARTIUM AD THEOLOGIAM’ DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO

Maurício Alves Carrara
(Doutorando – UFF)

Apesar do lapso entre a escrita do *De reductione artium ad theologiam*, que data aproximadamente de 1251, às determinações de 1272 à Universidade de Paris, que manifestaram os temas das disputas sobre a filosofia e a fé, ser de mais de 20 anos, ela não pode ser chamada de um hiato. Durante a afirmação da Universidade do início do século XIII até os anos de 1270, o debate sobre os limites da fé e da especulação foram motes que, entre idas e vindas, se tornaram destoantes do interior da “corporação de mestres e alunos” de Paris. Nessa comunicação objetivaremos discutir e correlacionar a opinião de Boaventura de Bagnoregio sobre a divisão das artes (*scientiae*) e sua “rendição” à Teologia com o texto do documento de 1272 sobre a proibição eclesiástica sobre a discussão de temas teológicos entre os mestres de artes parisienses. Nesse sentido, o pensamento de Boaventura confirma a tese que a teologia deve sobressair sobre as demais ciências. Por outro lado, a determinação de 1272 indica cada vez mais a separação temática e de faculdades entre os teólogos e os mestres em artes. Fato que indiretamente levanta a questão da busca de uma maior autonomia dos mestres seculares para debater temas que a fé não tangencia. E, também, confrontar com os temas de teologia. Portanto, vemos que o caminho entre as ciências e sua redução ao temas teológicos, como anseia Boaventura, se desenvolvem em um sentido inverso: a separação formal entre os mestres e as faculdades da Universidade de Paris.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ESTUDO DE IMAGENS: O CASO DOS BESTIÁRIOS INGLESES.

Muriel Araujo Lima Garcia
(Mestranda – USP)

O estudo das imagens, assim como pesquisas dedicadas especificamente à história e cultura das ilhas britânicas, ainda é pouco praticado e divulgado no Brasil. Campos acadêmicos pouco explorados claramente apresentam muitos desafios, mas também têm

grande potencial e abrem espaço para a experimentação e novas abordagens de temas conhecidos.

No caso da medievalística da Inglaterra pós-conquista, como se insere o estudo das imagens? Isto é, como o estudo da produção iconográfica e figurativa pode produzir conhecimentos sobre a sociedade que fez essas imagens? Tendo em vista os bestiários em latim –manuscritos tipicamente ingleses produzidos entre os séculos XII e XIV, e ricamente ilustrados –buscaremos explorar os desafios do estudo das imagens e as contribuições que este tipo de trabalho pode trazer às pesquisas sobre a Idade Média nas ilhas britânicas.

O RITO BATISMAL E AS HERESIAS: RELAÇÕES ENTRE ORTODOXIA E HETERODOXIA NA CARTA DE TRINA MERSIONE

Nathalia Agostinho Xavier
(Mestranda – UFRJ)

A carta *De Trina Mersione* foi escrita pelo metropolitano do reino suevo, Martinho de Braga, durante o século IV. Em síntese, trata-se de um debate entre este e um bispo de nome Bonifácio acerca das formas de aplicação do rito batismal, no qual observamos a defesa da tripla imersão do catecúmeno, de acordo com uma série de argumentos teológicos que perpassam a questão das heresias. Por meio da análise deste documento, objetivamos, neste trabalho, relacionar seu conteúdo à formulação de uma ortodoxia, tendo como referência a relação de identidade/alteridade que se estabelece entre o cristianismo oficializado pela fala de personagens como Martinho de Braga e as interpretações religiosas rechaçadas pelo cristianismo niceno. Assim, procuramos demonstrar aspectos da construção de um discurso “oficial” que visava a garantir a coesão religiosa e social na região, no decorrer do processo de fortalecimento da Igreja local.

AS BARGANHAS DA PENA – RELAÇÕES DE PODER NAS CANÇÕES OTTONIANAS, DE WALTHER VON DER VOGELWEIDE

Nathalia Ferreira Correia de Sousa
(Graduanda – UFRJ)

O presente trabalho pretende abordar, através de uma pequena seleção de *corpora*, as relações de poder identificadas nos poemas do *Ottenton*, escrito por um dos mais famosos poetas do medievo alemão, Walther von der Vogelweide.

Walther, poeta do século XII e cantor da *Minne* – forma germânica para expressão do amor cortês –, também destacou-se grandemente por escrever poemas de cunho político, conhecidos como *Spruchdichtung*, a poesia sentenciosa. O trabalho em questão engloba a poesia sentenciosa do *Ottenton* – aqui tido como *Canções Ottonianas*, devido à falta de uma tradução oficial –, um grupo de seis poemas dirigidos ao Imperador Otto IV de Brunswick, excomungado em 1215 pelo Papa Inocêncio III.

Cabe ressaltar que o trabalho apresentado ainda possui caráter bastante inicial, objetivando, futuramente, uma análise mais aprofundada dessas relações de poder travadas entre poeta e patrono.

TENTAÇÃO E REDENÇÃO: SEXUALIDADE E ECLESIASTICOS A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA CANTIGA DE SANTA MARIA

Nathália Silva Fontes
(Graduanda – UFRJ)

O principal objetivo desta comunicação será apresentar um recorte de minha pesquisa monográfica, orientada pela professora doutora Andréia C. L. Frazão da Silva. Esta pesquisa está vinculada ao projeto *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, sob o eixo de pesquisa Discursos de Gênero e no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Desta forma, pretendo apresentar a análise da cantiga CCVI, extraída das *Cantigas de Santa Maria*, conjunto de poemas medievais compilados em finais do século XIII, em Castela, sob coordenação do rei Alfonso X. Tal narrativa traz a história de um Papa que é tentado pelo Diabo, quando uma bela mulher beija sua mão. A fim de

livrar-se do erro, o clérigo corta sua própria mão, mas a mesma é restaurada pela Virgem Maria. Após uma breve apresentação acerca de diversos aspectos da obra *Cantigas de Santa Maria*, irei me deter na análise do relato selecionado, a partir da questão do gênero e da sexualidade.

OS SERMÕES NATALINOS DE LEÃO DE ROMA (440-454)

Paulo Duarte Silva
(Doutorando – UFRJ)

Tomado como um dos meios e expressões do fortalecimento poder cívico dos bispos ocidentais, o processo de organização do calendário litúrgico se consolidou entre os séculos IV e VI com o estabelecimento de festas santorais em caráter regional ou local e, em especial, ao ciclo do Natal. As festas referentes a este ciclo temporal se disseminam, então, na esteira das discussões cristológicas em profusão, do combate à práticas ditas pagãs pelos eclesiásticos e, por fim, em meio à afirmação do batismo infantil.

Nesta comunicação, discutimos os dez sermões natalinos atribuídos a Leão, bispo de Roma (440-461). Datados da primeira década de seu bispado, as homilias nos permitem relacionar tal processo geral de afirmação natalina às condições específicas do atribulado governo bispal leonino.

O TEATRO DOS DEMÔNIOS: PODER E ESTIGMATIZAÇÃO NA *DE CIVITATE DEI*

Peterson Macedo de Oliveira
(Graduando – UNESA)

Nesta comunicação trataremos alguns aspectos da demonização do teatro romano na obra *A Cidade de Deus*, escrita por Agostinho de Hipona entre os anos 413 e 426. Foram escolhidos onze capítulos que versam sobre o assunto. Nosso objetivo é apontar como a negação das práticas culturais romanas visava reafirmar a superioridade moral do Cristianismo.

Tal contexto se dá após o saque de Roma, pelos visigodos de Alarico, em 410 d.C., quando parte da aristocracia romana refugiou-se na África, sobretudo na cidade de Cartago. O pagão Volusiano, que mais tarde seria nomeado procônsul das províncias africanas, acusava o cristianismo de ser incompatível com o *espírito* romano e de que a fraqueza cristã teria culminado nas invasões germânicas. No intuito de refutar tais acusações e reafirmar a ortodoxia cristã, Agostinho de Hipona escreverá *A Cidade de Deus (De Civitate Dei)*.

Nossa hipótese aponta para a demonização dos últimos espaços públicos que poderiam proporcionar interação cultural entre parte da população cartaginesa e *simpáticos* ao paganismo: o teatro. Essa, sem dúvida, foi uma das várias frentes em que combateu o discurso moralizador do bispo hiponense, em prol da manutenção da supremacia político-teológica cristã, no eixo Roma-África, durante a Antiguidade Tardia.

A PREEMINÊNCIA RÉGIA BASEADA NA VIRTUDE: UM MODELO DE HOMEM NO *LEAL CONSELHEIRO* E NO *LIVRO DA VIRTUOSA BENFEITORIA*

Rafaella Caroline Azevedo Ferreira de Sousa
(Mestranda – UFF)

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas das conclusões a que chegamos na dissertação de mestrado intitulada *O rei, os poderes e a literatura: virtudes e pecados na prosa civilizadora de D. Duarte e D. Pedro (Portugal – Sécs. XIV e XV)* defendida recentemente no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Ao analisar as obras dos príncipes de Avis, pudemos observar a existência de um modelo de homem virtuoso indicado aos nobres, mas cujo expoente máximo de perfeição é o rei. Tendo em vista o contexto de disputa entre poderes no Portugal tardomedieval, entendemos que D. Duarte e D. Pedro tinham a intenção de modificar o comportamento dos nobres pela leitura das obras produzidas e, assim, favorecer o projeto avisino de centralização política.

AS LUSÍADAS: UM PROJETO EM HISTÓRIA COMPARADA DAS REPRESENTAÇÕES
CAMONIANAS SOBRE A MULHER ARISTOCRÁTICA MEDIEVAL – MARIA DE PORTUGAL E
INÊS DE CASTRO

Raquel Hoffmann-Monteiro
(Mestranda – UFRJ)

Esta comunicação procura sintetizar o projeto de dissertação elaborado para ingresso no PPGHC-UFRJ e orientado pela Prof^a Dr^a Gracilda Alves. A meta desta dissertação é comparar as representações que Camões constrói para as medievais Maria de Portugal e Inês de Castro – as duas únicas mulheres históricas que protagonizam episódios do poema e que tem voz e ação direta na obra – com as representações que existem nas crônicas monárquicas. Desta forma, procuramos compreender qual o papel que Maria e Inês desempenham n'Os Lusíadas e de que forma encaixam-se no projeto político camoniano. O processo narrativo de Camões inclui, entre outros artifícios, selecionar determinadas figuras eminentes na História de Portugal para, através de suas empreitadas, montar o mosaico histórico português e alcançar seu objetivo político de exaltação à Dinastia de Avis e admoestação do Rei. Sendo assim, nos questionamos por que, dentro de uma plêiade essencialmente masculina de ilustres reis, guerreiros, aventureiros e nobres; Camões destaca apenas duas únicas mulheres célebres – exceções a uma regra bastante rígida na estrutura do poema – para fazer parte de um obra simbólica tão ambiciosa; e quais as representações que Camões atribui às suas únicas Lusíadas.

O CARÁTER PROFÉTICO ESCATOLÓGICO NOS ESCRITOS DE HILDEGARD VON BINGEN:
EPISTOLOGRAFIA E VISÕES – UM EXEMPLO EM *SCIVIAS*

Rejane Barboza da Silva
(Mestranda – UFRJ)

A alternância e disputas pelo poder entre as esferas secular e temporal no Sacro Império constitui o arcabouço político-social-religioso do século XII e marca o contexto no qual a obra de Hildegard foi produzida. O caráter profético escatológico tanto na epistolografia de Hildegard, quanto em sua obra de cunho visionário *Scivias* é exemplificado neste artigo, salientando-se a perspectiva de um juízo futuro, latente, perpassando seus escritos de forma indelével e singular. Foram escolhidos para esta análise comparativa trechos de uma de suas visões, mais especificamente a visão onze do Livro 3, de *Scivias*, intitulada *Os últimos Dias e a Queda do Anticristo* (Parte), e uma das muitas epístolas (parte) emitidas pela religiosa, mística, profeta e visionária Hildegard von Bingen, no caso, resposta a uma indagação do Rei Conrado III (1093-1152).

A ESPADA VINGADORA: IRA DIVINA E EDUCAÇÃO MORAL EM DUAS VIDAS DE SANTO
VISIGODAS DO SÉCULO VII

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz
(Mestre – UFRJ)

Documentos hagiográficos possuem um reconhecido caráter educativo voltado tanto para nichos da população que já professavam o cristianismo quanto para aqueles que os agentes desta religião buscavam converter. Nestes textos, e, especificamente, nas vidas de santo, seus protagonistas são os grandes heróis da fé, agindo como instrumento divino e levando a palavra a todos os confins possíveis.

A produção de tais relatos serviu tanto à propagação de um culto já instituído localmente quanto à constituição de um bem simbólico passível de utilização dentro das trocas desenvolvidas no campo religioso – segundo a teoria da Ação de Bourdieu –, a partir do qual seus produtores buscavam a manutenção ou ascensão hierárquica dentro do campo.

Nos discursos destas *vitae* é possível depreender, muito por conta da característica pedagógica de tais escritos, elementos recorrentes, os chamados *topoi*, artifícios literários que possuem, dentre outras finalidades, a apresentação de exemplos de conduta a serem repetidos ou rechaçados. Nesse sentido, relacionamos para este trabalho o *topos* da ação

divina de características violentas, seja esta classificada como justiça, seja como vingança. Para nossa análise utilizamo-nos de duas vidas de santo produzidas na *Hispania* visigoda da sétima centúria, a saber: *Vita Sancti Aemiliani* e *Vita Fructuosi*.

Nestes relatos, analisamos e discutimos como a presença divina, de caráter punitivo, manifestava-se nesse tipo de documentação, bem como seu papel dentro da funcionalidade que estes trabalhos tinham naquela sociedade.

AS REPRESENTAÇÕES HEROICAS DO CANTAR DE MÍO CID (1207) NA OBRA DE CERVANTES, O DOM QUIXOTE (1605 – 1615)

Rodrigo Franco da Costa
(Mestrando – UFRJ)

O presente trabalho tem o intuito de analisar as representações heroicas do Cantar de Mío Cid (1207) na famosa obra de Miguel de Cervantes, O Engenhoso Fidalgo De La Mancha, o Dom Quixote (1605 –1615). Assim, se estuda as transferências e continuidades de elementos tidos como símbolos de poder presentes no Cantar de Mío Cid que aparecem atualizadas na obra de Cervantes. A importância do cavalo em ambas as literaturas, a presença da Espada, a questão da donzela e a construção do Mouro como inimigo e bárbaro são elementos chave para o entendimento de reinterpretação e atualização do conto de Rodrigo Diaz de Vivar em Dom Quixote De La Mancha .

Como referências bibliográficas centrais para essa temática temos a obra de Richard Fletcher intitulada “Em Busca do El Cid”; o livro de Josep Buades, nomeado “Os Espanhóis”; O clássico de José Antonio Maravall chamado “A cultura do Barroco: Análise de um estrutura histórica”. Como conceito teórico a ser trabalhado temos a ideia de Representação, pautada no Clássico livro de Roger Chartier intitulado “História Cultural: Entre Práticas e Representações”. Ao abordar a literatura como tipologia de fonte baseio minha análise nas reflexões de Antonio Candido em sua obra “Literatura e Sociedade”.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O HOMICÍDIO NO REINO DE CASTELA (SÉC XIII): LEIS E PENALIDADES NO *FUERO JUZGO* E NO *CÓDIGO DE LAS SIETE PARTIDAS*

Rosiane Graça Rigas Martins
(Doutoranda – UFRJ)

Esta comunicação visa darmos continuidade às reflexões acerca da presença da mulher como promotora de delitos nos textos legislativos vigentes no reino de Castela no século XIII. Tal questão, abordada por mim no mestrado, terá seguimento nas minhas pesquisas do doutorado, vinculado ao projeto coletivo *A produção normativa no século XIII e os discursos sobre os corpos e sobre a diferença sexual: reflexões sobre a península ibérica e itálica*, coordenado pela Profa. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada e ao Programa de Estudos Medievais – ambos da UFRJ. Através do Método Comparativo em História proposto por Jürgen Kocka, centrarei a minha análise em duas leis nas quais eram atribuídos castigos a homens e mulheres acusados de homicídio. Utilizarei como *corpus* documental o *Fuero Juzgo* –obra jurídica mandada à tradução, adaptada e elaborada sob o reinado de Fernando III (1217-1252) e *Las Siete Partidas*, elaboradas pelo governo de Afonso X (1252-1284). Nosso objetivo é o de compreendermos a política jurídica da monarquia castelhana no que se refere aos agentes de delitos, principalmente no tocante às punições a eles atribuídas, bem como os critérios estabelecidos pelo monarca para imputar penas diferenciadas para uma mesma infração.

AS *FESTES NOUVELLES* DE JEAN GOLEIN (c.1400)

Tereza Renata Silva Rocha
(Doutoranda – UFF)

Pretende-se com este trabalho explicitar o processo de composição e circulação das *Festes Nouvelles* de Jean Golein. Próximo do ano de 1400, a tradução de Jean de Vignay da *Legenda Áurea* (c.1333) foi aumentada em 46 vidas de santos e festas, organizadas

aproximadamente na ordem do ano litúrgico, começando com Santo Eloy em 1º de dezembro. Todos estes santos, que incluem entre eles Genevieve e Germais de Paris, Soupplice de Bourges e Medard de Noyon, tiveram um significado particular para uma audiência francesa e muitos deles eram adorados em várias igrejas de Paris. Outras festas como a do Santíssimo Sacramento foram adicionadas ao calendário. As *Festes Nouvelles*, como estas adições são chamadas, também incluem a narrativa do Santo Volto. Seu autor, Jean Golein, foi membro do grupo eclesiástico que rodeava Charles V com outros como Raoul de Presles e Nicole Oresme, e eles traduziam textos a pedido do rei. Como a tradução inicial de Jean de Vignay da *Legenda Áurea*, manuscritos desta segunda versão aumentada foram encontrados nas bibliotecas da nobreza francesa e especialmente borgonhesa. Ao contrário dos manuscritos em latim, que foram usados pelo clero para pregação e lições, estes em vernacular foram utilizados para leitura privada e como um auxiliar para a devoção em capelas privadas.

A MODA MEDIEVAL: UMA DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

Thaiana Gomes Vieira
(Graduanda – UFRJ)

Neste trabalho pretendo apresentar e comentar obras sobre a moda medieval. Elas tratam de diversos temas, tais como as roupas usadas no período, especialmente a partir do século XII; as variações nas vestimentas; as restrições de cores, tecidos, modelos e adornos para cada camada social; as caracterizações regionais, e o uso da indumentária como aparato e sua funcionalidade. A finalidade é de apresentar o que está sendo produzido sobre o assunto, ressaltando os principais trabalhos já realizados, dotados de importância neste campo de estudo, sobretudo, por fornecerem dados relevantes sobre o tema. Esse trabalho apresenta as reflexões iniciais da minha pesquisa individual que objetiva a redação da monografia de fim de curso de bacharelado em História, sob a orientação da Professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, uma das coordenadoras do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nosso tema central é a indumentária e as normas para seu controle.

UM ESTUDO COMPARATIVO DE REPRESENTAÇÕES DEMONIZADAS DE JUDEUS E AS PRÁTICAS SOCIAIS EM HAGIOGRAFIAS CASTELHANAS DO SÉCULO XIII

Thalles Braga Rezende Lins da Silva
(Mestre – UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas das conclusões da minha dissertação de mestrado intitulada *Versipellis Diabolus: um estudo comparado das representações diabólicas nos Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo e no Liber Mariae de Juan Gil de Zamora*. Minha pesquisa procurou elucidar quais os possíveis sentidos e finalidades das representações diabólicas presentes nas narrativas de milagres das hagiografias mariológicas citadas no seu título. Para isso, utilizamos a conceituação de representação proposta por Roger Chartier, empregamos como metodologia de comparação a História Cruzada, como proposta por Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, e usamos a Análise de Narrativa como técnica de estudo aplicada aos textos mariológicos. Como ponto de cruzamento entre as representações diabólicas de cada hagiografia e as práticas a elas relacionadas, foi utilizado o conjunto de normativas sociais e eclesiásticas formado pelas atas conciliares de Latrão IV (1215), Valladolid (1228) e Peñafiel (1302). Por meio destes procedimentos, demonstramos como as representações diabólicas se ligavam com os interesses institucionais concorrentes dos seus autores, mas ainda assim reforçavam e ajudavam a difundir as normativas conciliares. Além disso, elas apresentavam representações demonizadas dos judeus, temática que será abordada como questão central deste artigo.

A RECEPÇÃO DO MILÊNIO NO EXPOSITIO IN APOCALISIM DE JOAQUIM DE FIORI
Valtair Afonso Miranda
(Doutor – UFRJ)

Uma das mais importantes passagens do Apocalipse de João (90-96 E.C.) é uma descrição de um período paradisíaco de mil anos na terra. Neste período, Jesus governaria o mundo, auxiliado pelos seus seguidores ressuscitados da morte. Este pequeno relato impactou fortemente amplos setores do cristianismo. Esta comunicação pretende analisar como o milênio foi recebido na obra de Joaquim de Fiore, um abade calabrês do sec. XII, em especial no seu comentário *Expositio in Apocalipsim*. Dedicaremos uma atenção especial para o lugar da Igreja num milenarismo que afirma a superação do Filho pelo Espírito através da divisão da história em três Eras: a Era do Pai, do Filho e do Espírito.

A CASTIDADE NA PAIXÃO DE EULÁLIA DE MÉRIDA E A OPOSIÇÃO RELIGIOSA NO REINO VISIGODO: *HOSTEM CARNIS, ADVERSARIUM FIDEI*

Vanessa Gonçalves Paiva
(Mestranda – UFRJ)

A presente comunicação contempla parte de nossos estudos de mestrado, desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada e do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Trata-se, em linhas gerais, das disputas religiosas do reino visigodo que se podem vislumbrar na *Paixão de Eulália de Mérida*, relato martirial que integra o *Passionário Hispânico*, compilação hagiográfico-litúrgica que circularia na Península em torno da segunda metade do século VII. Interessa-nos, por ocasião desta exposição, destacar a castidade como elemento essencial na oposição estabelecida entre a mártir Eulália e os “inimigos da fé cristã”, embate bastante enfatizado no documento em questão. Para tanto, teremos por referencial teórico os conceitos de *campo religioso* e de *lutas simbólicas*, conforme desenvolvidos pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

FÓRUM DE VERDADE E FICÇÃO: A HISTÓRIA COMO ESPAÇO DA SALVAÇÃO NA CRÔNICA DE G. VILLANI – FLORENÇA, A CIDADE-MODELO

Vânia Vidal Luiz
(Mestranda – UNIRIO)

Sob um contexto de efervescência urbana e cultural advinda dos séc. XIII e XIV na península itálica, Giovanni Villani elabora um ambicioso projeto de escrita histórica para exaltar a grandeza da comuna de Florença, sua cidade, com o intento de, através de suas crônicas, monumentalizá-la e eternizá-la para que, ao final dos tempos, possa afigurar em um local de importância no livro do Juízo Final, como ‘filha e exemplo de Roma’.

Através da concepção de que a história é um tempo privilegiado e um espaço de salvação, Villani usa o desvelamento de uma Verdade subjacente, para caracterizar Florença como cidade modelar, enfatizando simbolicamente a hegemonia florentina face à Toscana após a derrota de Montaperti, ocorrida em 1260.

Diante da especificidade medieval de uma visão orientada de que há um devir que emana de Deus, por um lado, e de uma fluidez entre realidade acontecida e hipotética, portanto, entre Verdade e Verossimilhança, por outro, o texto de G. Villani se apodera de artifícios alegóricos e retóricos como a *Fictio*, a *Imaginatio*, o maravilhoso e a Fantasia para compor sua narrativa fazendo com essas noções –entre realidade acontecida e hipotética – se equivalham dentro da concepção desse sentido, dentro de um pensamento bastante peculiar oriundo de uma passagem entre o neoplatonismo para o aristotelismo, que na Península Italiana ocorre precocemente em relação Ocidente.

"*ARCHA TESTAMENTI*":

A PREGAÇÃO FRANCISCANA NA LEGENDA ASSÍDUA DE ANTÔNIO DE PÁDUA

Victor Mariano Camacho
(Mestrando – UFRJ)

O presente estudo objetiva refletir sobre a prática da pregação na dinâmica pastoral das Ordens Mendicantes na Idade Média Central, concentrando-se na análise da *Legenda Assídua*. Esta obra é um texto hagiográfico de autoria anônima, escrito na primeira metade do século XIII, que narra a vida do frade franciscano Antônio de Pádua, canonizado pelo papa Gregório IX no ano de 1232. O presente texto pretende apresentar as características da pregação do santo descritas pelo texto em questão e sua relação com a construção de Antônio como santo, à luz do contexto político vivido pela Ordem dos Frades Menores e a Igreja Romana.

DE 'LABOUR' A 'CRAFT': CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO NA
CIDADE MEDIEVAL INGLESA

Viviane Azevedo de Jesus
(Doutoranda – UFF)

Para o mundo medieval, o termo trabalho transitava entre os extremos da atividade não nobre, por isso, penosa, e da atividade criadora, logo honrosa. Com o fortalecimento do espaço citadino, reforça-se o sentido positivo do trabalho. Este torna-se um aspecto fundamental da cidade medieval, uma vez que todos os membros devem agir em prol do seu bom funcionamento, o que não seria diferente no território insular. Assim como o latim, o inglês médio apresenta diversos termos associados ao mundo dos *laboratores*, de forma que a compreensão desse léxico abre novos horizontes de análise sobre as atividades exercidas no ambiente citadino. Nesta comunicação, pretendemos lançar luz sobre esta perspectiva que a medievística nos propõe.

Autores e trabalhos

1. Adriana Conceição de Sousa (UFRJ) – A ATUAÇÃO DO DEMÔNIO NA *VITA DESIDERII* DE SISEBUTO (PENÍNSULA IBÉRICA, SÉCULO VII)
2. Alan da Silva Rocha (UFRJ) – OS ASPECTOS MILITARES DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS E SUA LEGITIMAÇÃO EM BERNARDO DE CLARAVAL
3. Aldilene Marinho César Almeida Diniz (UFRJ) – PERMANÊNCIAS MEDIEVAIS NA ARTE FRANCISCANA DA AMÉRICA PORTUGUESA
4. Alex da Silveira de Oliveira (UFRJ) – O DISCURSO SOBRE A PROPRIEDADE NA *REGULA ISIDORI* E NA *REGULA MONACHORUM*: UM ESTUDO COMPARADO
5. Alinde Gadelha Kühner (UFRJ) – A FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA DE ACORDO COM A *VITA TELLONIS ARCHIDIACONI*
6. Aline Silva Ramos (UERJ) – IDEAL DE POBREZA DE FRANCISCO DE ASSIS
7. Almir Marques de Souza Junior (UFF) – O PASSADO A SERVIÇO DO PODER (CASTELA E LEÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIII)
8. Ana Clara Marques Lins (UFRJ) – A TEMÁTICA DA POBREZA NAS CARTAS DE CLARA DE ASSIS A INÊS DE PRAGA
9. Ana Paula Lopes Pereira (UERJ) – "*DEUS AMICITIA EST*". CARIDADE E AMIZADE EM PERSPECTIVA COMPARADA: AS *VITAE* DE BEATAS DA DIOCESE DE LIÉGE NO SÉCULO XIII FACE À DOCTRINA DA CARIDADE NA PATRÍSTICA E NA MÍSTICA CISTERCIENSE
10. André Luís Caruso Cruz Júnior (UFRJ) – HAGIOGRAFIA, HERESIA E CORPO. UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA “VIDA DE PEDRO MÁRTIR”, PRESENTE NA LEGENDA ÁUREA
11. André Rocha de Oliveira (UFRJ) – O BANCO DE DADOS DO PROJETO HAGIOGRAFIA E HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS FICHAS REFERENTES ÀS HAGIOGRAFIAS PRODUZIDAS NA PENÍNSULA ITÁLICA, ENTRE OS SÉCULOS XI E XIII
12. Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ) – ESPIRITUALIDADE FEMININA E LIDERANÇA RELIGIOSA: OS RELATOS DOS DEVOTOS DE UMA SANTA MILANESA DO FINAL DO SÉCULO XIII
13. Anna Beatriz Esser dos Santos (UFRJ) – CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA INGLATERRA MEDIEVAL
14. Ariane Lucas Guimarães (UFES) – A TRANSCENDÊNCIA DO SER: A ALMA EM LO SOMMI DE BERNAT METGE (1399)
15. Bárbara Cecília Kreischer (PUC-RJ) – LEONOR TELES E INÊS DE CASTRO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL PORTUGUESA NA LEGITIMAÇÃO DA DINASTIA DE AVIS
16. Bárbara Vieira dos Santos (UFRJ) – O MONACATO NA PENÍNSULA IBÉRICA NO SÉCULO VII: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS
17. Bruna Cruz Baptista (UFRJ) – AS REPRESENTAÇÕES DE DOMINGOS DE GUSMÃO E SUA RELAÇÃO COM AS IMAGENS: UMA BREVE ANÁLISE DAS ICONOGRAFIAS “SÃO DOMINGOS E HISTÓRIA DA SUA VIDA” E “TÁVOLA DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO” – SÉCULOS XIII E XIV

18. Bruno Brandão Silva (Faculdade Saberes – ES) – A MORTE DOS NÃO BATIZADOS N'A DIVINA COMÉDIA
19. Bruno Gonçalves Alvaro (UFS) – PELO FRANCO DEBATE: UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS COMO ESPAÇO FORMADOR DE PESQUISADORES
20. Bruno Uchoa Borgongino (UFRJ) – INTERTEXTUALIDADE MANIFESTA NA *REGULA LEANDRI* E NA *REGULA ISIDORI*
21. Celia Daniele Moreira de Souza (UFRJ) – IBN HAZM E O OLHAR DE SEU TEMPO
22. Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa (MAST/MCTI) – O CONHECIMENTO ASTRONÔMICO EM SOCIEDADES ÁGRAFAS E A CONTRAPOSIÇÃO ISIDORIANA
23. Cristiano Ferreira (UFRRJ) – O *SEFER HASSIDIM* COMO PRODUÇÃO INTELECTUAL: INTERAÇÕES, APROPRIAÇÕES E CONFLITOS
24. Diego Martins Dória Paulo (UFRJ) – O USO POLÍTICO DA HISTÓRIA EM IDÁCIO DE CHAVES (SÉCULO V)
25. Dionathas Moreno Boenavides (UFRGS) – O MARTÍRIO NO SÉCULO XIII: PEDRO DE VERONA, O PRIMEIRO MÁRTIR DOMINICANO?
26. Douglas Mota Xavier de Lima (UFF) – RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS DE PORTUGAL NO REINADO DE D. AFONSO V
27. Elvis Batista de Souza (UFRJ) – REFLEXÕES INICIAIS AO REINADO DE OSWALDO SEGUNDO BEDA
28. Fábio Monteiro de Melo (UFRJ) – LEGENDA DA ÚMBRIA E A QUESTÃO FRANCISCANA
29. Flora Gusmão Martins (UFRJ) – *LEX VISIGOTHORUM*: UMA DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA
30. Francisco de Souza Gonçalves e José Carlos de Lima Neto (UERJ) – O EROTISMO RETÓRICO EM BOOSCO DELEITOSO
31. Franklin Maciel Tavares Filho (UFF) – OS OFICIAIS DE ARMAS NO PORTUGAL QUATROCENTISTA: ARAUTOS, PASSAVANTES E REIS DE ARMAS NA CORTE DE D. JOÃO I (1385-1433)
32. Guilherme Antunes Júnior (UFRJ) – A PALMADA DE CRISTO: GÊNERO E VIOLÊNCIA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA DE ALFONSO X O SÁBIO
33. Guilherme Marinho Nunes (UFRJ) – ASPECTOS DA DEPENDÊNCIA SERVIL À INSTITUIÇÃO ECLESIASTICA NAS ATAS DO IV CONCÍLIO DE TOLEDO
34. Gustavo Koszeniewski Rolim (UFRGS) – O PAGANISMO NAS VIDAS DE MARTINHO DE TOURS: ANÁLISE COMPARADA ENTRE SULPÍCIO SEVERO E JACOPO DE VARAZZE
35. Hiram Alem (UFRJ) – PARADIGMAS MILITARES MEDIEVAIS NA INGLATERRA TUDOR – A ARQUEARIA EM DEBATE NO SÉCULO XVI
36. Ieda Avênia de Mello (UFF) – A CIDADE COMO PALCO DO REI – UM BREVE ESTUDO SOBRE AS FESTAS E CERIMÔNIAS REALIZADAS DURANTE O REINADO DE D. JOÃO II
37. Igor Formaguerei Cunha de Oliveira (UGF) – OS INIMIGOS DE CRISTO: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO JUDAICA NO FUERO REAL DE AFONSO X

38. Igor Soares Rodrigues (UGF) – O SABER NAS RELAÇÕES DE PODER: A FUNÇÃO EDUCACIONAL PARA OS DOMINICANOS NO SÉCULO XIII
39. Ingrid Brito Alves da Assunção (UFRJ) – REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE NAS *VITAS SANCTORUM PATRUM EMERETENSIVM*: O CASO DO ABADE NANCTO (633-638)
40. Isabela Dias Albuquerque (UFRJ) – CULTURAS EM CONTATO: OS ANGLO-ESCANDINAVOS E AS NOVAS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS NA INGLATERRA DA ERA VIKING (793-1066)
41. Isabela Lopes Polato (UFES) – IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA: VIVOS E MORTOS EM "LO SOMNI" DE BERNAT METGE (1340-1413)
42. Izabela Morgado da Silva (UFRJ) – O PRIMADO TOLEDANO NO EPISCOPADO VISIGÓTICO: O *DE VIRIS ILLUSTRIBUS* DE ILDEFONSO DE TOLEDO (SÉCULO VII)
43. Jaqueline de Calazans (UFRJ) – AS DISPUTAS EM TORNO DOS TEXTOS CRISTÃOS NO SÉCULO IV: UMA ANÁLISE DO TRATADO *LIBRO SOBRE LA FÉ Y LOS APÓCRIFOS*
44. Jefferson Eduardo dos Santos Machado (UFRJ/UNIMSB) – ADMOESTAÇÕES DE SÃO FRANCISCO: AS PERMANÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES E SILÊNCIOS DO 6º a 10º TEXTO EXORTATIVO
45. João Batista da Silva Porto Junior (UFRJ) – “UMA IDADE MÉDIA QUE PERDURA AINDA...” GUÉDELON E A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA MEDIEVAL NO SÉCULO XXI
46. João Cerineu L. de Carvalho (UGF) – REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA COROA NO ESTADO PORTUGUÊS AVISINO (1438-1481)
47. Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (UNESA) – ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A *CHRONICA GOTHORUM*
48. Jorge Gabriel Rodrigues de Oliveira (Faculdade de São Bento -RJ) – A MÍSTICA DOS MONGES NEGROS NA ANTIGUIDADE TARDIA
49. Juliana Prata da C. Mezavilla (UFRJ) – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AUTORIDADE EPISCOPAL A PARTIR DA ANÁLISE DAS ATAS DO VI CONCÍLIO DE TOLEDO (SÉCULO VII)
50. Juliana Salgado Raffaeli (UFRJ) – O ISOLAMENTO ASCÉTICO NA PERSPECTIVA DE ISIDORO DE SEVILHA (SÉCULO VII)
51. Katuscia Quirino Barbosa (UFF) – PODER E ALTERIDADE NO MOVIMENTO EXPANSIONISTA PORTUGUÊS DO SÉCULO XV
52. Kimmely Da Silva Barbosa (UFRJ) – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LEGITIMAÇÃO DO PODER RÉGIO A PARTIR DOS CONCÍLIOS HISPANO-VISIGÓTICOS GERAIS DO SÉCULO VII
53. Leonardo Augusto Silva Fontes (UFF) – A POLÍTICA LINGUÍSTICA DO REINADO DE AFONSO X, O SÁBIO
54. Livia Carine Falcão de Souza (UFRJ) – REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O CUIDADO COM OS IRMÃOS ENFERMOS NA REGRA BULADA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (SÉCULO XIII)
55. Luander do Valle Barros (UFRJ) – CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CONVERSÃO DE CLÓVIS SEGUNDO GREGÓRIO DE TOURS

56. Lucas Cunha Nunes (UFRGS) – DOMINGOS DE GUSMÃO, OS ESTUDOS E O TEMPO DE SANTIDADE
57. Luís Fernando Oliveira Fontes (Universidade do Minho) – A HISPÂNIA ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA. INTRODUÇÃO ARQUEOLÓGICA A UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO (CURSO)
58. Luiz Otávio Carneiro Fleck (UFRGS) – A POBREZA FRANCISCANA NOS PONTIFICADOS DE NICOLAU III E JOÃO XXII (1279-1324)
59. Lygia Carvalho (UFRJ) – O AMOR MEDIEVAL NAS ÁREAS GERMANÓFONAS NAS VISÕES FEMININAS DE GERTRUDES VON HELFTA E MARGUERITE PORETE
60. Maria Cristina Correia Leandro Pereira (USP) – A LETRA E A IMAGEM: AS INICIAIS ORNAMENTADAS NA BÍBLIA DE SAINT-BÉNIGNE (MS. DIJON 2)
61. Maria de Nazareth Corrêa Accioli Lobato (UFRJ) – REFLEXÕES SOBRE UMA FONTE À LUZ DE UMA NOVA ABORDAGEM: O *ESOPE*, FABULÁRIO ANGLO-NORMANDO DO SÉCULO XII
62. Maria Izabel Escano Duarte de Souza (UFRJ) – A ICONOGRAFIA DO OFÍCIO DA VIRGEM MARIA NOS LIVROS DE HORAS DA REAL BIBLIOTECA PORTUGUESA
63. Maria Manuela dos Reis Martins (Universidade do Minho) – A ARQUEOLOGIA COMO FONTE DA HISTÓRIA ANTIGA (CURSO)
64. Maria Valdiza Rogério da Silva (UFRJ) – A COMUNA DE PERÚGIA NO SÉCULO XIII
65. Marta de Carvalho Silveira (UGF) – DEBATENDO O FUERO NOÇÃO DE CRIME/YERRO: UMA LEITURA REAL
66. Maurício Alves Carrara (UFF) – A UNIVERSIDADE DE PARIS EM 1272 E O ‘*DE REDUCTIONE ARTIUM AD THEOLOGIAM*’ DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO
67. Muriel Araujo Lima Garcia (USP) – DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ESTUDO DE IMAGENS: O CASO DOS BESTIÁRIOS INGLESES
68. Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ) – O RITO BATISMAL E AS HERESIAS: RELAÇÕES ENTRE ORTODOXIA E HETERODOXIA NA CARTA *DE TRINA MERSIONE*
69. Nathalia Ferreira Correia de Sousa (UFRJ) – AS BARGANHAS DA PENA – RELAÇÕES DE PODER NAS CANÇÕES OTTONIANAS, DE WALTHER VON DER VOGELWEIDE
70. Nathália Silva Fontes (UFRJ) – TENTAÇÃO E REDENÇÃO: SEXUALIDADE E ECLESIASTICOS A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA CANTIGA DE SANTA MARIA
71. Paulo Duarte Silva (UFRJ) – OS SERMÕES NATALINOS DE LEÃO DE ROMA (440-454)
72. Peterson Macedo de Oliveira (UNESA) – O TEATRO DOS DEMÔNIOS: PODER E ESTIGMATIZAÇÃO NA *DE CIVITATE DEI*
73. Rafaella Caroline Azevedo Ferreira de Sousa (UFF) – A PREEMINÊNCIA RÉGIA BASEADA NA VIRTUDE: UM MODELO DE HOMEM NO *LEAL CONSELHEIRO* E NO *LIVRO DA VIRTUOSA BENFEITORIA*
74. Raquel Hoffmann-Monteiro (UFRJ) – AS LUSÍADAS: UM PROJETO EM HISTÓRIA COMPARADA DAS REPRESENTAÇÕES CAMONIANAS SOBRE A MULHER ARISTOCRÁTICA MEDIEVAL – MARIA DE PORTUGAL E INÊS DE CASTRO

75. Rejane Barboza da Silva (UFRJ) – O CARÁTER PROFÉTICO ESCATOLÓGICO NOS ESCRITOS DE HILDEGARD VON BINGEN: EPISTOLOGRAFIA E VISÕES – UM EXEMPLO EM *SCIVIAS*
76. Rita de Cássia Diniz Damil (UFRJ – UNESA) – HISTORIOGRAFIA ECLESIAÍSTICA NO REINO VISIGODO: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DO HISTORIADOR NA ANTIGUIDADE TARDIA
77. Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (UFRJ) – A ESPADA VINGADORA: IRA DIVINA E EDUCAÇÃO MORAL EM DUAS VIDAS DE SANTO VISIGODAS DO SÉCULO VII
78. Rodrigo dos Santos Rainha (UNESA) – A EDUCAÇÃO NO LIVRO X DO LIVRO DAS ETIMOLOGIAS DE ISIDORO DE SEVILHA
79. Rodrigo Franco da Costa (UFRJ) – A S REPRESENTAÇÕES HEROICAS DO CANTAR DE MÍO CID (1207) NA OBRA DE CERVANTES, O DOM QUIXOTE (1605 – 1615)
80. Rosiane Graça Rigas Martins (UFRJ) – CONSIDERAÇÕES SOBRE O HOMICÍDIO NO REINO DE CASTELA (SÉC XIII): LEIS E PENALIDADES NO *FUERO JUZGO* E NO *CÓDIGO DE LAS SIETE PARTIDAS*
81. Tereza Renata Silva Rocha (UFF) – AS *FESTES NOUVELLES* DE JEAN GOLEIN (c.1400)
82. Thaiana Gomes Vieira (UFRJ) – A MODA MEDIEVAL: UMA DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA
83. Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ) – UM ESTUDO COMPARATIVO DE REPRESENTAÇÕES DEMONIZADAS DE JUDEUS E AS PRÁTICAS SOCIAIS EM HAGIOGRAFIAS CASTELHANAS DO SÉCULO XIII
84. Valtair Afonso Miranda (UFRJ) – A RECEPÇÃO DO MILÊNIO NO EXPOSITIO IN APOCALISIM DE JOAQUIM DE FIORI
85. Vanessa Gonçalves Paiva (UFRJ) – A CASTIDADE NA *PAIXÃO DE EULÁLIA DE MÉRIDA* E A OPOSIÇÃO RELIGIOSA NO REINO VISIGODO: *HOSTEM CARNIS, ADVERSARIUM FIDEI*
86. Vânia Leite Fróes (UFF) – IMAGINÁRIO BÍBLICO E CONSTRUÇÃO DO TEMPO NAS IMAGENS MEDIEVAIS DOS LIVROS DE HORAS MEDIEVAIS
87. Vânia Vidal Luiz (UNIRIO) – FÓRUM DE VERDADE E FICÇÃO: A HISTÓRIA COMO ESPAÇO DA SALVAÇÃO NA CRÔNICA DE G. VILLANI – FLORENÇA, A CIDADE-MODELO
88. Victor Mariano Camacho (UFRJ) – "ARCHA TESTAMENTI": A PREGAÇÃO FRANCISCANA NA LEGENDA ASSÍDUA DE ANTÔNIO DE PÁDUA
89. Viviane Azevedo de Jesus (UFF) – DE 'LABOUR' A 'CRAFT': CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO NA CIDADE MEDIEVAL INGLESA